

University of Massachusetts Amherst

From the Selected Works of Francisco Cota Fagundes

2007

As Três Subjectividades em The Open Door de Laurinda Andrade

Francisco Cota Fagundes, *University of Massachusetts - Amherst*



Available at: https://works.bepress.com/francisco_fagundes/26/

FRANCISCO COTA FAGUNDES
UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS AMHERST
fagundes@spanport.umass.edu

Fonte deste ensaio (revisto 13-I-2013):

Fagundes, Francisco Cota. “As Três Subjectividades de *The Open Door* de Laurinda Andrade”. *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*. Actas do Colóquio. No Bicentenário do Consulado dos E.U.A. nos Açores: O Tempo dos Dabney. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 2007. 379-420.

As Três Subjectividades em *The Open Door* de Laurinda Andrade

Francisco Cota Fagundes

University of Massachusetts Amherst

Objecto já de vários estudos, a autobiografia de Laurinda L. Andrade, *The Open Door* (1968), tem sido lida essencialmente como documento histórico e social. Os estudos crítico-analíticos feitos até hoje têm, consequentemente, incidido sobre a *bios* da autobiografia e não sobre a sua *graphia* e têm, não surpreendentemente, insistido na concepção tradicional duma individualidade monolítica, indivisível, essencialista¹. A presente leitura – cujo objectivo máximo é encarar *The Open Door* como uma autobiografia literária relativamente complexa – quer dizer, como narrativa de (re)construção de experiências e subjectividades autobiográficas ao serviço de ideologias públicas e privadas – não pretende sugerir que os acontecimentos e subjectividades representados neguem peremptoriamente a personalidade histórica e as

¹A excepção a esta regra, apesar do seu foco sociológico, é a tese de mestrado (veja-se Bibliografia) de Maria de Fátima de Sacadura Calado Meireles. Trata-se dum estudo de como se manifesta, em *The Open Door*, a presença das duas culturas – a portuguesa e a americana. O primeiro capítulo da tese é dedicado a um estudo teórico da identidade individual e autobiográfica; o segundo, ao conceito de identidade americana, o qual considerando o imenso *corpus* bibliográfico com que trabalha a autora, é bem realizado, apesar de por vezes a listagem de um número considerável de obras (e disso também sofre um pouco o primeiro capítulo) prejudicar bastante a clareza da exposição. Na secção dedicada ao estudo de *The Open Door* – cerca de metade da tese – a autora estuda a autobiografia de Andrade, privilegiando a teoria de análise do conteúdo de Laurence Bardin (*L'Analyse de Contenu*; 1979). Um dos estudos mais ambiciosos de que qualquer obra luso-americana até hoje tenha sido alvo, é pena que, devido ao seu enfoque essencialmente académico e quantitativo, não constitua um estudo que permita, a um público não académico, acesso crítico ao que é, apesar dos seus senões, uma das mais conseguidas autobiografias luso-americanas. Embora o estudo de Meireles foque o que ela chama “as três grandes metáforas que percorrem o texto [de *Open Door*], “o sucesso, a emancipação feminina e o sentido de missão” (182), os quais se aproximam das três “subjectividades” focadas no meu ensaio, o tipo de abordagem aqui seguido é muito diferente da abordagem empreendida na tese de Meireles. Um obrigado muito especial à Dra. Maria de Fátima de Sacadura Calado Meireles por me ter facultado uma cópia da sua tese.

experiências empíricas de Laurinda L. Andrade, ou aquilo a que, no contexto da teoria da ficção, Frank Kermode chamou “a realidade contingente” (*Apud* EGAN 7).

Com Susanna Egan acredito que para o autobiógrafo a sua individualidade importa muito mais do que os factos de que se serve para a delinear e projectar: “A sua [do autobiógrafo] individualidade é um direito por nascimento [“birthright”] e ele não a sacrificará no altar dos factos, a menos que seja incompetente” (EGAN 14). Egan reconhece também o que chama “a inevitabilidade da ficção”: que “a actividade da escrita se interpõe entre o passado e a criação verbal” (EGAN 14). A concepção da individualidade unitária, porém – a qual impera há centenas de anos – não é facilmente deslocável. No domínio da autobiografia ela é defendida, entre tantos outros, por John Paul Eakin, que considera prematuras “as proclamações da morte do sujeito unificado” (*Apud* BERGLAND 59). Esta perspectiva humanística do indivíduo contrasta com a perspectiva marxista da *consciência* humana determinada pela “existência social” e com variadas concepções multiplicárias da subjectividade associadas com a Modernidade, de que os heterónimos de Fernando Pessoa são a mais completa e celebrada expressão literária. Entre a concepção essencialista e a caleidoscópica da individualidade interpõe-se a postura conciliatória de Paul Smith, que define o sujeito como “conglomerado de posições, ou posições-do-sujeito, provisionais e não necessariamente irrevogáveis que a pessoa se vê na necessidade de momentaneamente assumir, motivada que é pelos discursos e pelo mundo que enfrenta”. Estas “várias posições-do-sujeito devem ser consideradas parte do ‘indivíduo’ que as exhibe ou nelas habita; no entanto, elas nunca se unem formando um ‘indivíduo’ não-contraditório – e muito menos um ‘indivíduo’ que determina o carácter ou constituição da sua própria subjectividade” (SMITH xxxv; xxxiv)

Uma leitura que, como esta, pretenda reconhecer e privilegiar várias subjectividades em *The Open Door* deve, no mínimo, começar por distinguir entre “individualidade” (que está localizada *fora* da autobiografia e que podemos ou não postular como estável) e “subjectividade” (que está localizada *dentro* e que é, nesta autobiografia, demonstravelmente fluida). A identificação de múltiplas subjectividades exige que, logo de início, distingamos entre a Laurinda Histórica (de que me ocuparei relativamente pouco nesta monografia), a Laurinda Narradora e a Laurinda Protagonista. Esta última, “manipulada” pela Laurinda Narradora, é a heroína da autobiografia e a que encarna as várias subjectividades que protagonizam os três caminhos ou vias a que o título deste trabalho se refere.

Os espaços e tempos que a Laurinda Protagonista (LP) e a Laurinda Narradora (LN) ocupam são de importância decisiva como componentes na representação das várias subjectividades reflectidas na autobiografia. É preciso, desde já, enfatizar os cronótopos ocupados pela LN e LH (que escreve a autobiografia em New Bedford, Massachusetts, entre Dezembro de 1966, data da sua reforma, e a primavera de 1968, ano da publicação do livro) e a LP através das várias fases da vida (re)criadas em *The Open Door*: a infância, a adolescência e a maturidade. LN está cronotopicamente situada a uma grande distância de LP, que ocupa numerosíssimos cronótopos ao longo das várias fases da sua vida, muitos dos quais apontam reiterada, e por vezes conflitivamente para as três vias titulares. Vamos analisar alguns dos cronótopos mais importantes nestas várias fases de acordo com a tese principal defendida nesta monografia – a de que *Open Door* constitui uma autobiografia de múltiplas subjectividades, sendo as principais as que servem de subjectividades-protagonistas àquilo que designarei – por razões que se hão-de tornar evidentes – por via emancipatória, via e/imigrante e via hagiográfica. Para facilitar a exposição, estas vias serão discutidas separadamente. Oportunamente chamarei atenção para o

seu desenvolvimento contrapontístico e para o seu interrelacionamento temático e ideológico em *The Open Door*.

O assaz conhecido conceito bakhtiniano de cronótopo – o qual enfatiza que a nossa imagem do ser humano está intimamente ligada aos conceitos de tempo e espaço – permite-nos perspectivar alguns dos espaços e momentos mais significativos de *Open Door*. Embora o termo – inicialmente usado por Albert Einstein em relação à Teoria da Relatividade – seja aplicado por Bakhtin sobretudo à ficção, é igualmente aplicável à autobiografia (e foi-o pelo teorista russo) e é empregue também por Betty Ann Bergland no estudo de quatro autobiografias de imigrantes femininas: *The Promised Land* (1912), de Mary Antin; *Red Ribbon on a White Horse* (1950), de Anzia Yeziarska; *I Came a Stranger: The Story of a Hull-House Girl* (1931), de Hilda Satt Polacheck; e *Living My Life* (1931), de Emma Goldman.

The Open Door concentra-se no que chamarei quatro supercronótopos, os quais se subdividem numa série imensa de cronótopos. Esta monografia tocará apenas em alguns dos que me parecem mais significativos para a temática em epígrafe. Ao longo das 240 páginas do texto laurindiano estes *espaços e momentos* estão intimamente associados a uma série de episódios-chave que, destacando-se do fluir narrativo, constituem como que ilhas temática, alegórica e ideologicamente privilegiadas da obra. Os supercronótipos de *Open Door* são a *Ilha* (que na narrativa coincide sobretudo com a infância e adolescência de LP [com os seus numerosos cronótopos, em relação aos quais se começam a definir as três vias ou subjectividades titulares]); o *Navio* (o supercronótipo da transição da Ilha para o país adoptivo); as várias *Cidades Americanas* (extensão de Angra, como veremos, e em relação às quais LN desenvolve os três poderosos itinerários do seu relato de vida: a luta da mulher em demanda da emancipação e seu triunfo; a *via crucis* da imigrante até ao porto de salvamento, e a vi(d)a exemplar sob protecção

divina que, por um lado, une as outras duas vias e, por outro, entra em conflito com elas); e as *Escolas Americanas*, supercronótopos extensivos de algumas das escolas açorianas, a que também está associada a aprendizagem positiva da mulher emancipada, da e/imigrante, e da eleita de Deus.

Constituída de um breve Prólogo e três Partes de, respectivamente, oito, onze e três capítulos e um breve Epílogo (que consta do poema “The Set of the Sail”, de Ella W. Wilcox [1855-1919]), a de Laurinda Andrade é uma das autobiografias mais literariamente conscientes de todas as que foram publicadas até hoje por imigrantes portugueses ou luso-descendentes nos Estados Unidos. Essa consciência literária patenteia-se de imediato no Prólogo e na primeira Parte. O Prólogo abre o relato de vida *in medias res* (com a cerimónia de formatura da LP no *campus* da Universidade de Brown). Os oito capítulos que perfazem a Parte I da autobiografia são, tal como o Prólogo, narrados na terceira pessoa. Estes recursos à épica *medias res* e à supostamente mais objectiva perspectiva da terceira pessoa nem são originais nem incomuns. Traem, porém, uma óbvia preocupação literária – que muitas outras componentes de *Open Door* vão reiteradamente acentuar. O Prólogo de *Open Door* não só nos apresenta a protagonista num momento culminante da sua carreira (a cerimónia de formatura) mas propõe, qual estrutura musical, os três principais discursos a variar ou elaborar: a jovem emancipada pela instrução, a e/imigrante a caminho da realização do seu sonho de se tornar professora (e o facto de ela se ter formado em Românicas, como vamos ver, terá uma importância decisiva no seu processo de “americanização”) e a intervenção do favor ou graça divinos (uma das pedras de toque daquilo a que chamo a via hagiográfica, a definir e explicar mais adiante). Depois desta abertura *in medias res*, poucas grandes surpresas nos quedam. Prossegue-se à (re)criação da infância e adolescência até ao embarque com 17 anos (Parte I, narrada na terceira pessoa, como se indicou); ao período

de luta pelo triunfo (correspondente à Parte II, que é das três a mais longa e se intitula “Emancipação e Independência no Novo Mundo”); e à consumação do triunfo (antecipado no Prólogo, como se disse), e elaborado/prolongado na última parte, intitulada “A Professora – Complicações e Compensações”). A autobiografia de Laurinda Andrade segue, portanto, um padrão estritamente enteléquico, um tipo que Bakhtin denomina “autobiografia platónica”, derivado do conceito aristotélico de enteléquia e que vai ser o modelo da biografia plutarquiana. Serve de compensação a este carácter dramaticamente estático, isto é, ao largamente predizível desenrolar dos acontecimentos em *The Open Door*, a conflituosidade, e por vezes as profundas contradições, entre as três principais subjectividades assumidas pela LP. Surpreender algumas dessas contradições é outro dos objectivos desta monografia.

A construção da subjectividade emancipatória: Laurinda Andrade já foi chamada “a primeira feminista portuguesa na América”. Na verdade, a própria LN – que frequentemente emprega o termo “emancipação” na autobiografia – nunca usa o termo “feminismo” ou seus derivados. Quando a autora de *Open Door* chega à América em 1917, o termo “emancipação”, sobretudo empregue em relação aos negros e depois às emancipistas e sufragistas, ainda andava, escusado será afirmá-lo, muito em voga. É verdade que a primeira convenção sobre os direitos das mulheres se realizara em Seneca Falls, Nova Iorque, em 1848. Mas só a 26 de Agosto de 1919, dois anos após a chegada de Laurinda Andrade à América e depois de uma luta quase constante por parte das célebres sufragistas, é que os 26 milhões de cidadãs americanas tinham constitucionalmente alcançado o direito ao voto. Que a LN utilize o termo “EMANCIPAÇÃO!” (56), assim maiúsculado, para se referir a LP (que contava então 15 anos e ainda estava a dois anos do embarque para o Novo Mundo), não é de todo surpreendente. O que precisamos de ter em conta é que a personagem da menina açoriana (re)criada na autobiografia – e particularmente

o individualismo, o desejo de emancipação, o pensamento religioso, talvez mais de acordo com o Protestantismo, como veremos, do que com a tradicional aquiescência em matéria religiosa da pequenina burguesia a que a menina pertencia e que lhe são atribuídos por LN desde a mais tenra infância – baseia-se em grande parte em conceitos, termos e posturas ideológicas bebidos e assumidos por Laurinda Andrade num período de história americana extremamente significativo para a emancipação da mulher e, diga-se de passagem, de tremenda dificuldade para os imigrantes, incluindo os de etnia portuguesa. A parte declaradamente mais “objectiva” da autobiografia é, assim, pelo menos em parte e pouco surpreendentemente, a mais “fabricada” deste relato de vida. Em *The Open Door*, e sem surpresa para ninguém familiarizado com o género autobiografia, a criança/adolescente autobiográfica é incontestavelmente filha literária da adulta.

O percurso através de *Open Door* da protagonista da via emancipatória é equiparável – como aliás o são, talvez ainda mais, os percursos das vias imigrante e hagiográfica – ao monomito campbelliano, geralmente associado a enredos ou itinerários masculinos mas aqui aplicados ao itinerário duma mulher cujo sucesso vai consistir, em parte, numa invasão de territórios tradicionalmente masculinos: acontecimentos que levam à partida da heroína, suas tribulações e provas (por exemplo, e logo de início, fazer uma travessia atlântica por um mar patrulado por submarinos), e seu *regresso* triunfal com dádivas para ofertar ao seu povo. É como uma longa viagem espacial e temporal que, a começar com o Prólogo, LN encara o seu percurso emancipatório. Como se indica no Prólogo, temporalmente “Ela [LP] era a projecção da imigrante optimista que havia catorze anos aportara à costa de Providence, Rhode Island” (11). Esta ideia de distância espaço-temporal (mas desta vez com ênfase no espaço) é reforçada várias vezes no Prólogo, começando no parágrafo a seguir à citação transacta: “A 1 de Maio de 1917,

uma medrosa mas resoluta adolescente abandonara a certeza dum temporário alojamento a bordo do Navio que interpusera duas mil e quinhentas milhas entre ela e a mãe pátria e o domicílio dos seus” (11). Pouco depois, no mesmo parágrafo, LN reinsiste – embora se encontre na mesma cidade a que aportou como imigrante – na distância temporal e espacial que medeia entre “a cave da Casa da Imigração, aquele sítio sombrio e triste” (12) e o ambiente festivo da sua formatura no *campus* da Pembroke (nome por que era conhecida, do ponto de vista do sector feminino, a Universidade de Brown). Aliás, ao focar alguns dos *espaços* e *momentos* cruciais de *The Open Door*, veremos que, desde os mais distantes momentos da sua infância, LN concebe o itinerário emancipatório da sua protagonista em parte como um dramático derrubar de barreiras e uma progressiva e heróica invasão ou penetração de espaços tradicionalmente vedados às mulheres; um questionar ou minar de atributos que a patriarquia implícita ou explicitamente reconhece aos homens; uma reiterada e enfática recusa a enveredar por sendeiros trilhados pelo comum das mulheres, sobretudo o matrimónio e a domesticidade – imagens estas, todas elas, desnecessário é afirmá-lo, frequentemente empregues para metaforizar a experiência emancipatória e feminista.

No que concerne à subjectividade emancipatória, há um cronótopo (dentro do global supercronótopo *Ilha*) que poderíamos rubricar de episódio-tema. LN refere-se ao aparentemente não-portentoso evento, ocorrido tinha ela cinco anos, como “façanha notável” (“notable feat”; 25):

Um domingo de manhãzinha, os pais e as três crianças tiveram de andar uma grande distância para encontrar uma nesga de terra acessível ao mar. Como era a mais novinha, Laurinda foi deixada numa apropriada bacia natural, cercada de calhaus suficientemente altos para impedir que uma onda de mar a levasse. O resto da família dispersou-se pela praia, cada qual à procura do sítio mais propício para tomar banho. Mas Laurinda não ficou no mesmo sítio. Atraída por outro lugar a curta distância, dirigiu-se nessa direcção e lá preferiu ficar certamente. Nisto, uma grande vaga inundou o sítio que ela escolhera. Favorecida com a bênção da protecção Divina e movida de sábia inspiração, ela esquivou-se e esperou até a vaga retroceder. (26)²

² Todas as traduções de *The Open Door* e de todos os trabalhos do inglês não identificados com nome de tradutor são da minha responsabilidade.

Obra obsessivamente reiterativa (de que lhe advém, em parte, o seu carácter acentuadamente autoritário), *The Open Door* vai elaborar numerosas variações temáticas e metafóricas deste tema-incidente. A afirmação de individualismo vai patentear-se frequentemente no questionamento e frontal rejeição de cronótopos associados à patriarquia. Um exemplo disso é a preferência dada por LP a lugares públicos, como a mercearia do pai e várias escolas que frequenta nos Açores; outro, é a proclamação, em altos gritos proporcionados por maiúsculas, da sua emancipação e a implícita ou explícita rejeição da casa e outros cronótopos de clausura patriarcal – que eventualmente a levarão à recusa da tradicional domesticidade feminina e do próprio matrimónio. O romper barreiras limitantes implícito no episódio da praia também acentua, desde já, a autoafirmação e a auto-realização da LP em termos de alargamento e conquista de espaço (a praia renunciando, na minha leitura pelo menos, a viagem por mar). Em vários episódios da Parte I, Angra representa para a jovem protagonista do “monte” (ela era natural da freguesia rural de São Brás) um símbolo de mais amplos horizontes, um cronótopo-precursor da própria América. As últimas consequências dessa conquista de espaço são as numerosas viagens de LP nos Estados Unidos, começando com a longa e acidentada viagem dos Açores a Providence. A inaceitação por parte da menina protagonista da autoridade adulta (a desobediência aos pais no episódio da praia) prenuncia uma larga série de situações em que se questionarão – nos Açores e posteriormente na América – manifestações e imposições do discurso patriarcal: a suposta superioridade do sexo masculino (neste âmbito as doenças e mortes de homens, incluindo o rei D. Carlos, desempenham papel decisivo); as desigualdades entre os sexos patenteadas, por exemplo, nas infidelidades matrimoniais paternas; a aquiescência feminina (da avó, da madrinha adoptiva, da mãe, das irmãs, duma galeria de personagens femininas ao longo da autobiografia); os casamentos de conveniência (que LN repetidamente

invectiva). Em grande medida, e não surpreendentemente, o de Laurinda Andrade é o relato de vida duma mulher em luta por fazer valer não só os seus direitos de mulher mas a sua voz; precisar cada vez mais o timbre dessa voz – luta essa de que o próprio acto da escrita de *The Open Door* é obviamente o ponto culminante.

Na série de cronótopos que contribuem para a construção da subjectividade emancipatória de Laurinda (embora também diga directamente respeito, como aliás o cronótopo da praia, às outras subjectividades) nenhum é mais subversivo da tradicional posição da mulher na patriarquia do que o curioso episódio da vaca no chafariz. E poucos cronótopos de *Open Door* possuem a matizada riqueza deste. O episódio da vaca, seguido de algumas reflexões por parte de LN, conclui o capítulo VI da Parte I:

Um dia, durante um período de seca, ela foi sozinha buscar água a um chafariz público. Enquanto esperava para encher o seu cântaro, umas mulheres que lá estavam resolveram caçoar com ela acerca da extravagante ideia de ela estudar para professora. O seu primeiro impulso foi dizer-lhes, como de costume, que se metessem na sua vida. Mas o que se ouviu dizer, alto e bom som, com uma ressonância que a ela própria soou estranha, foi “Se Deus quiser”. Nisto chegou um lavrador para dar de beber às vacas. Todas elas, excepto uma, mergulharam a cabeça e beberam avidamente do tanque do chafariz. A outra vaca, permanecendo indiferente à aguilhoda do lavrador, continuava à espera. Quando pôde chegar ao jorro de água por sobre a cabeça das demais, bebeu unicamente do límpido jacto. As mulheres riram-se e fizeram alguns comentários, aos quais respondeu o lavrador: “Esta vaca é esquisita”. Para a nossa mocinha, aquela performance da parte dum bruto animal não era mera brincadeira. Ela própria fora tantas vezes chamada “esquisita”, e foi essa a implicação que ela extraiu das palavras sarcásticas daquelas mulheres que a tinham estado a arreliar. (49-50).

As implicações deste plurissignificativo episódio na construção da subjectividade emancipatória de LP são óbvias. Enfática reafirmação de diferença e independência (relativamente às outras “vacas” submissas, obedientes, rotineiras ela é *a vaca esquisita*), o que empresta a este incidente um grau de acerbidade invulgar, no entanto, é o seu estatuto cronotópico. LN transforma o sexualizado chafariz – *locus* impregnado de práticas discursivas patriarcais, cronótopo por excelência da corte da mulher rural – em palco emancipatório. Neste âmbito, não deixa de ser significativo que ela empregue o termo auto-referencial *performance*

(termo que, com relacionadas imagens teatrais, será reiterado numerosíssimas vezes através da autobiografia) para caracterizar o comportamento da vaca. Para a narradora e protagonista de *Open Door* o *locus* des-sexualiza-se, reforçando assim a já proferida rejeição do matrimónio – a qual será reiterada, também numerosas vezes, através da autobiografia. O chafariz/fonte associa-se simultaneamente – no que poderíamos chamar o carácter plurivalente ou contrapontístico de muitos destes cronótopos – às outras duas principais subjectividades laurindianas: o futuro êxito através da instrução que a levará ao magistério (o itinerário que essencialmente define a sua via imigrante) e eleição divina (a “revelação” referida na passagem transacta, a que mais tarde regressarei, é passível de ser considerada uma subtil alusão à mais importante pedra de toque intertextual da autobiografia laurindiana, começando com o título e capa da obra: o Apocalipse de S. João Evangelista).

Dependendo da subjectividade que estejamos a perspectivar em *The Open Door*, o supercronótopo Ilha surge como positivo ou negativo. Do ponto de vista da subjectividade hagiográfica, como veremos, a Ilha é um *locus* sagrado. Da perspectiva da futura e/imigrante e da adolescente que ambiciona a emancipação, a Ilha constitui sobretudo um *locus* de aprendizagens, muitas delas dolorosas, a que a abrupta partida para a América vem pôr termo. O dramático momento oficial de emancipação no quarto dum pai doente e o inesperado e precipitado embarque – ao qual significativamente faltam as costumadas cenas melodramáticas da despedida, *sine qua non* de muitos textos que focam a emigração – são a dramática, se bem que anticlimática, conclusão duma fase da vida em que o supercronótopo Ilha e, dentro dela, os vários espaços fechados e patriarcalizados a que Laurinda faz por escapar, configuram simultaneamente uma prisão e um pretexto de fuga.

O Navio é simultaneamente o veículo dessa fuga e uma extensão dessa prisão.

Até este ponto do meu relato o uso da terceira pessoa dramática pareceu-me mais conducente a uma

apresentação objectiva de mim mesma, por quanto sou uma mulher adulta a olhar retrospectivamente para a menina e moça como parte integral dum grupo familiar num determinado cenário e ambiente cultural, a duas mil e quinhentas milhas e cinquenta anos de distância. Doravante assumirei responsabilidade total como personagem independente, actuando num novo palco e falando directamente ao meu leitor. (65)

A quase simultânea emancipação e inesperada emigração, a sós, aos 17 anos de idade, o empreendimento da longa viagem na companhia de um casal que depois a abandonará, o início da individual via hagiográfica e imigrante são dramaticamente comunicados, em parte, mediante uma mudança de ponto de vista – da terceira para a primeira pessoa. A dramatização da viagem a que LN dedica o Capítulo IX de *Open Door* (intitulado “A Dolorosa Experiência duma Travessia Atlântica em 1917”) constitui um importante ponto de transição da narrativa laurindiana: LN transforma o Navio num microcosmo das Ilhas e num palco de reiteradas aprendizagens para a subjectividade emancipatória de LP. “Pela primeira vez apercebi-me do significado da emancipação. Era livre. Sim, totalmente livre. Mas estava só e sem qualquer garantia de lugar aonde me dirigir no fim da viagem” (68-69). Reiterar, mediante um cuidadosa exploração literária do supercronótopo Navio e osquestrados episódios, alguns tópicos já nossos conhecidos parece ser um dos propósitos da autora neste capítulo – que também contribui, como veremos oportunamente, para o desenvolvimento das outras duas vias.

Sendo o Navio uma extensão da Ilha, não admira que seja atribuída a LP a falta de espaço (“Não havia espaço entre nenhuma das camas, já que as barras das camas pareciam estar amarradas umas às outras”; 66); que a condição das passageiras da terceira classe constituam uma nova oportunidade para LN variar “temas” emancipatórios propostos anteriormente, por exemplo, em relação ao episódio do chafariz; e que, num momento crucial que coincide como termo da viagem e da chegada da protagonista à América – LP assuma uma atitude remanescente do episódio da praia e novamente “transponha barreiras”.

Os dois principais supercronótopos que presidem à via emancipatória de LP na América (e

estão também ligados às outras duas vias, como oportunamente veremos) são as *Cidades* e as *Escolas* – ambos estes supercronótopos tendo tido, como já se indicou, antecessores na cidade de Angra (em que a menina antevira a construção do seu futuro mediante a instrução e o magistério) e nalgumas escolas frequentadas na infância, onde encontrara professoras-modelo que, anos depois, quando já estudante nos Estados Unidos, irá laudatoriamente evocar. Seria impossível traçar o percurso de todos os meandros de Laurinda de cidade para cidade, particularmente Providence (porto de chegada), New Bedford (cidade em que ocorrem os primeiros dramas da fase de primeira instalação), Providence novamente (para estadia e estudo), Nova Iorque (várias visitas e estadias à procura de emprego), Newark e Washington D.C. (cronótopos onde se põem em prática as aprendizagens positivas realizadas anteriormente). Estas duas últimas duas cidades são os cenários principais das actividades por excelência da mulher emancipada: a sua experiência como directora duma jornal; e as responsabilidades de secretária do Ministro da Legação Portuguesa, território até então interdito a mulheres. No que respeita a New Bedford, a primeira cidade de combate, na América, das vias emancipatória e imigrante e local de regresso da imigrante integrada, como veremos, as numerosíssimas vezes que LP é domiciliada e forçada a sair de pensões e contratada e despedida ou forçada a demitir-se de fiações configuram uma espécie de labírintica *via crucis* que atinge, de per si, expressão temática tanto para a via emancipatória como para as vias imigrante e hagiográfica. No entanto (e para nos concentrarmos, de momento, apenas no que à via emancipatória diz respeito), LN parece não perder nunca de vista o carácter progressivamente e positivamente conquistado, com muitos contratempos à mistura, do percurso de LP, o qual é pautado sempre por uma cada vez maior expansão dos espaços confinados que é forçada temporariamente a habitar e um cada vez mais firme propósito, como já vimos ao discutir episódios relativos à infância nos Açores, de

rompimento de barreiras tradicionalmente vedadas à mulher – desde as confinantes pensões temporárias a um lar estável em New Bedford; das escuras fiações à escola secundária da mesma cidade; desta escola à Universidade de Brown em Providence; da frustrada busca de emprego em Nova Iorque, em plena época da Grande Depressão, ao emprego temporário como directora dum jornal português em Newark, emprego esse que lhe proporcionará acesso, como secretária do Ministro, à Legação Portuguesa em Washington, D. C.

O alargamento do espaço mediante o rompimento de barreiras é enformado por uma série de episódios relatados mediante o recurso a uma imagética que LN cuidadosamente prepara e elabora dum extremo ao outro de *Open Door* e que também possui, como depois veremos, importantes implicações para as outras duas vias aqui tratadas. No que à via emancipatória diz respeito, impera da parte de LP menina, adolescente e adulta não só o declarado desejo emancipatório – expresso já, um pouco inverosimilmente, como vimos, ainda durante a fase da meninice (os episódios da praia e do chafariz, para mencionar apenas dois).

O discurso de Laurinda Andrade, particularmente mas não exclusivamente, no que diz respeito à enformação da via emancipatória de LP, está impregnado, duma ponta à outra de *The Open Door*, de imagética não só masculina mas pioneirista e bélica, tema que por si só mereceria uma monografia. Por exemplo, o *incipit* do segundo capítulo de *Open Door*, intitulado “Auto-expressão”, é constituído por uma imagem dificilmente identificável com a experiência açoriana das primeiras décadas do século XX a que esse capítulo se reporta, mas facilmente reconhecível (aliás, é uma espécie de *cliché*) para quem tenha alguma familiaridade com a história americana de expansão pioneira e a conquista do Oeste e o consabido espírito empreendedor ianqui. “Procedendo como um pioneiro (“*blazing a trail*”) naquela comunidade rural com rápidas mudanças e notável prosperidade, o jovem pai agora expandia o seu negócio de comprador de

ovos, galinhas e outros produtos da agricultura nas pequenas freguesias rurais e indo vendê-los depois na cidade.” (23) Outras expressões aplicadas à menina LP – como “rugged individualism” ‘descomedido individualismo’ (26) e “breakthrough” ‘rompimento de barreiras’. (“O rompimento de barreiras veio numa daquelas manhãs quando ela estava a fazer um espectáculo ao ter que ir para a escola com a irmã”; 26) são expressões e imagens masculinizantes e bélicas prenunciadoras e consistentes com a imagética que LN vai utilizar, através de toda a autobiografia, mas particularmente em episódios cronotopicamente marcantes, para denotar e assinalar o progresso emancipatório da protagonista. Daí que não seja surpreendente, ao chegar à América, ainda na Casa da Imigração em Providence, LP decida – contra a etiqueta do bom-comportamento, diga-se de passagem – roubar a vez aos passageiros que esperavam pela entrevista com o Agente da Imigração, para tal incriminadamente passando por debaixo duma linha divisória que separava coxias de imigrantes, um acto remanescente da menina a romper barreiras na praia da infância: “a única divisão entre as coxias era um vareta de metal, disposta com altura suficiente para se poder passar por debaixo. Ninguém olhava para mim e eu não pensei duas vezes. Dentro de poucos minutos estava em frente dum sorridente inspector, de nome Mr. Sylvia.” (73)

É mais ou menos a meio da autobiografia que LN assinala o que ela considera, relativamente à sua protagonista, o passo definitivo a caminho da emancipação: a sua recusa em seguir a ordem do pai que ela, depois de todas as dificuldades por que já passara na América, regressasse aos Açores. “Ele nunca tinha compreendido bem”, escreve Laurinda Andrade, “até que ponto a mente da filha já se tinha habituado à ideia de liberdade através do saber. [...] A reacção dele foi o último passo na minha completa emancipação.” (102) Consistente com esta imagética errante, não admira pois que Laurinda se refira à transição de trabalhadora de fiação a estudante da New

Bedford High School como “um salto no ar da fábrica para a escola secundária” (119); que faça referência aos amigos que a ajudaram na difícil transição como proporcionadores do “necessário ímpeto que me colocou no caminho adequado” (119); e que, mais tarde, em relação ao último semestre de escola secundária, afirme que “Apesar do meu latente medo de encontrar um empecilho nos meus cursos mais avançados, eu navegava já no meu último semestre de instrução secundária sem que me aparecesse aquele fantasma ameaçador.” (128) Mas é no campo da busca e retenção de emprego nas cidades de Newark – que, como a autobiógrafa indica, “Eu achei [...] um agradável alívio das sombras dos arranha-céus de Nova Iorque” (167 – e Washington que uma imagética particularmente agressiva emerge. A sua ingressão no jornalismo como editora do jornal imigrante luso *A Tribuna*, é expressa, sem prescindir das imagens peripatéticas, em termos francamente bélicos (notar que o *romper de barreiras* transformou-se em *invasão* de territórios masculinos) e teatrais, sendo estas últimas imagens de implicações claramente auto-referenciais: “Invadir o campo do jornalismo era uma façanha ousada (“daring feat”) não lá muito passível de ser aceite sem traumatismo pelo chamado sexo superior. Uma mulher-director era coisa estranha. Para combater esta ideia errónea, os meus primeiros passos naquele palco precário tinham que ser cuidadosamente sopesados e equilibrados para estabelecer a desejável atmosfera para futuras performances.” (164). Notar a consistência imagética entre esta passagem dum momento tão importante no itinerário laurindiano de emancipação e as imagens homólogas (“notable feat” ‘façanha notável’, “breakthrough” e os reiterados usos de *performance* e imagens teatrais afins, empregues nas secções correspondentes à narração da infância e adolescência e através de grande parte de *Open Door*, para caracterizar as suas acções e, metaficcionalmente, a nível mais ou menos consciente, o seu relato delas).

É ainda no âmbito da sua estadia de oito meses em Newark que LP vai assinalar outros

notáveis episódios no seu percurso emancipatório. Trata-se, num destes casos, de dar uma lição específica – a um colega ibérico. (Não deixa de ser significativo que todos os indivíduos machistas a quem Laurinda Andrade se refere em *The Open Door* sejam estrangeiros ou de próxima origem estrangeira e que, dentre esses, a esmagadora maioria sejam portugueses, aliás, o grupo étnico com quem, de início, ela teve mais contacto). Referindo-se à sua actividade jornalística – a qual inclui um editorial, intitulado “Entre Nós”, encorajando um diálogo familiar sobre o domínio autocrático dos pais sobre as crianças – Laurinda Andrade escreve:

Entretanto, eu desfrutava da enriquecedora e desafiante experiência de afirmar a minha crença na total igualdade intelectual de ambos os sexos. Eu fora aceite, nos meus próprios termos, numa comunidade dominada por mentes masculinas enraizadas em civilizações da Península Ibérica, que é todavia um mundo fundamentalmente masculino. Vi o dia em que o meu colega espanhol teve de sacrificar a sua orgulhosa *hombría* e traduzir um dos meus editoriais para publicar no seu *El Herald*. (168)

O momento mais dramático relacionado com a estadia de Laurinda Andrade na cidade de Newark, porém, está ligado a um dos episódios ocorridos num restaurante – à época um reduto exclusivo de homens, a que LN vai designar como “antro de leões” (170). Este episódio, no que possui de des-masculinização dum espaço cronotópico, não poderá deixar de evocar o episódio da vaca esquisita no chafariz, espaço esse que, como recordamos, LP também momentaneamente des-patriarcalizara. Sendo proibida, por tradição, a entrada a senhoras no dito restaurante que era propriedade dum imigrante português (as senhoras podiam comprar lá a comida para levar, mas não podiam tomar as refeições no restaurante), LP – com o consentimento do próprio proprietário, diga-se de passagem – novamente põe em prática a sua prerrogativa de mulher emancipada e o seu discurso bélico: “Considerando uma perda do meu tempo e esforço a continuação daquele ridículo costume, um dia decidi tentar romper a barreira (“break the barrier”), perguntando ao proprietário por que não podia jantar lá.” (169).

Parte integrante do discurso emancipatório de Laurinda Andrade é um esforço sistemático, em grande parte através da independência económica e da instrução, por emancipar-se da tutela

masculina, começando com o pai, e do papel tradicional da mulher (matrimónio e domesticidade), esforço esse que, à primeira vista, não parece representar grande novidade *vis-à-vis* os itinerários de tantas emancipistas e feministas anteriores, contemporâneas e posteriores a Laurinda Andrade. Um dos factores que singulariza o seu discurso emancipatório, porém, é um afã, ao longo da autobiografia, de sistematicamente desconstruir a imagem privilegiada do homem nos seus atributos patriarcais – a força física, a capacidade de resistência às contrariedades da vida, a chefia da família, a fiabilidade matrimonial, a defesa das próprias prerrogativas – até ao ridículo, culminando, no momento em que LP atinge o máximo do seu empossamento como mulher emancipada, na redução da figura dum grupo representativo do homem patriarcal à condição de menino, estabelecendo-se, assim, uma espécie de conversão do patriarcalismo não só em matriarcalismo – mas em maternalismo.

Sem surpresa para ninguém, o pai – com quem LP menina tem um tipo de relação que talvez justificasse a designação de complexo de Electra, assunto esse que está para além do escopo do presente ensaio – é, com um irmão que morre pouco depois de nascer (“O recém-nascido não viveu por muito tempo. Não tinha a força suficiente para vingar”; 36), é uma das figuras cujos atributos patriarcais LN menina começa por minar no contexto duma credível aprendizagem infantil (ver o pai chorar a morte dum cavalo seu, por exemplo (43)), mas também com reiteradas alusões à sua infidelidade matrimonial (21; 24; 35), assunto esse que não cabe necessariamente na concepção da menina de menos de 10 anos de idade a quem LN adulta os atribui. A percepção da vulnerabilidade masculina da parte da menina LP atinge, porém, um momento culminante com a morte do rei D. Carlos – evento de que LN extrai todo o drama possível no itinerário emancipatório da sua protagonista que, nascida em 1899, tinha então 9 anos:

O Rei, o todo-poderoso Rei morrera e desaparecera. Todo o seu poder não tinha sido capaz de o salvar a ele ou ao filho! Porquê? Porquê? Até onde a mente de Laurinda era capaz de entender então, toda aquela superioridade masculina era apenas um mito, um conto de fadas. A força física

do ente masculino – ela sabia que alguns rapazes eram fisicamente mais fortes – tinha erigido aquele castelo no ar que mais cedo ou mais tarde poderia ser arrebatado ou varrido de sob os pés, como ela tinha visto nas lágrimas do pai e ouvido no tocar dos sinos da igreja. (44)

No seu itinerário americano, LP regista muitos mais exemplos de fragilidade (e de exemplos de infidelidade masculina de parte de vários homens) que seria ocioso enumerar. A desconstrução da imagem do homem e a inversão da aprendizagem emancipatória de LP em exemplaridade emancipatória para outras mulheres atinge um ponto cume em relação ao episódio do seu rompimento de barreiras no restaurante de Newark até então interdito a mulheres, a que acima já me referi. Eis como LN conclui o relato daquele episódio e as lições que dele tira para outras mulheres:

Não levou muito tempo, este restaurante deixou de ser um reduto exclusivo de homens e muitos dos meus potenciais rivais frequentemente se postavam ao redor da minha mesa, usando-me como árbitra para resolver algum tipo de disputa acerca de qualquer ponto de informação. Para mim, eles eram meros rapazes (“just boys”) com corpos de adultos – levados a reformar o seu modo de pensar, naquela particular instância por um simples acto de convicção feminina. E agora outras mulheres, também, cobraram a coragem de seguir o meu exemplo. Quem disse que a mão que embala o berço governa o mundo? Nesta grande terra de extraordinárias oportunidades femininas, podemos bem perguntarmo-nos quantas de nós prestamos o cuidado necessário àquilo que parece ser o encargo que Deus nos deu? (170)

Dir-se-ia que um dos principais objectivos de LN, em relação ao itinerário emancipatório de LP, é expor, persistente e reiteradamente, a condição subserviente e humilhante da mulher no âmbito do matrimónio, começando com membros da própria família: a madrinha adoptiva (“Vestida de negro, de aspecto triste e não muito simpática. Porquê? Talvez porque tivera um casamento infeliz e agora era viúva”; 29); a própria mãe cujo marido, como LN insiste, lhe é infiel; a irmã (“que já estava noiva de um homem escolhido por ele [o pai] para futuro genro. Era um homem com o dobro da idade dela, mas com um negócio parecido [ao do pai] na cidade”; 54). Passando do supercronótipo Ilha para o supercronótipo Navio, LN insiste, novamente, na humilhante condição matrimonial de várias mulheres, emigrantes como ela:

Algumas tinham sido chamadas pelos maridos, mas duas delas iam sem que os esquecidos maridos esperassem a sua vinda, talvez demasiado extraviados já. Tinham deixado os filhos com parentes e tinham vendido todos os haveres para conseguir dinheiro para a passagem. [...] Duas

outras iam encontrar-se com maridos que haviam sido namorados nas ilhas, mas uma terceira rapariga nunca tinha visto o marido. O casamento fora-lhe arranjado por parentes através de fotografias e cartas. Era uma ocorrência comum naquela época. (67)

Na chegada a New Bedford, na primeira pensão em que se hospeda, depara-se com uma galeria de mulheres que LN se deleita a pintar. As suas vidas paralelizam a estreitez dos espaços físicos, económicos, sociais e por vezes morais das próprias pensões. Lucília, uma das hóspedes, “simplesmente concordava com tudo o que o irmão dizia” (81). Tia Emília, a proprietária, tinha uma empregada que a ajudava no trabalho. Manuel Parente, um hóspede que se tornara amigo de Laurinda mas que não deixa de ser um exemplo de machismo latino, era, por seu turno, “a vela [“spark plug”] daquele grupo (82)! Devido à falta de espaço, é na cama da Tia Emília que Laurinda tem de dormir. Às tantas da noite, Laurinda desperta e surpreende Tia Emília na prática da quiromancia, em que Laurinda era uma iniciada. Daí a rápida leitura que faz das cartas que haviam produzido “aquele ar dorido e ansioso” (82) no rosto da velhota: “A resposta era um HOMEM, um marido infiel. Ela sabia, pelo regresso dos outros pescadores, que o barco tinha chegado, ele é que não tinha aparecido.” (82). Ao contrário da irmã de Laurinda, que casara com um homem mais velho, no caso de Tia Emília, ela é que era a mais velha do casal. A atenção de LP foca-se em seguida na mulher-a-dias da pensão: “Devia ela ter uns quarenta e tal, feiote e de aspecto campónio. O que lhe via no rosto era desilusão e frustração” (83). Outra mulher, Mamie, causa-lhe de início uma impressão extremamente positiva: “Era livre como se a vida fosse uma festa alegre, sem problemas. Não obstante o facto de já ser mãe dum filho, um bebezinho. Concluindo ou deduzindo, eu vim a aperceber-me que o bebé parecia não ter à sua volta um pai responsável. Nem tão-pouco houve menção dum avô. Antes do fim daquele dia, o interesse de Mamie por Manuel [Parente] tornou-se evidente” (83-84). Clara, uma boa amiga de LP, recebe uma proposta de casamento – e lá segue o marido para San Diego para “selar o futuro em laços matrimoniais” (110). Em outro espaço cronotópico – o da sede do jornal *A Tribuna*, em Newark

– Laurinda conhece outra mulher vitimizada pelo matrimónio, Delphina (Del), casada com um imigrante português mal-adaptado. É surpreendente a maneira como LN concebe e exprime a tomada de conhecimento, por parte de LP, da boca do patrão de ambas, da sua colega luso-americana com quem vai partilhar domicílio: “Del espera-te. Ela mora no segundo piso por cima dos escritórios. É boa rapariga; vais gostar dela. É casada, mas não é uma união feliz. Viveres com ela eles vai ser bom para ela também.” (162) Oito meses depois, quando Del se vai despedir de Laurinda à estação de comboios e que, desta vez, se encaminha para Washington onde vai invadir novo território – “sendo a primeira mulher jamais a dar entrada naquele gabinete como secretária [do do Ministro da Legação Portuguesa]” (178) – a protagonista de *The Open Door* não resiste a fazer outro comentário “às vergastadas infligidas pela sua [de Delphina] tormentosa vida doméstica” (175). Inclusive, LN não resiste, no seu aparente afã de representar o matrimónio sob uma luz suspeita, de insistir que, até mesmo no caso da sua mãe adoptiva, foi o matrimónio (aqui representado pelo deus pagão Cupido) que lhe transtornou os planos de ser – professora! “Os seus pais tinham alimentado a esperança de que ela fosse professora na sua freguesia, São Mateus, do Pico. Mas o irrequieto Cupido transtornou os seus planos, e a candidata a professora, para contornar a oposição dos pais, fugiu de casa para casar com um herói, alto, moreno e lindo. Ela muitas vezes relatava os eventos daquela aventura romântica e sempre com genuína comoção juvenil.” (115)

O itinerário emancipatório de LP inclui uma rejeição pessoal do matrimónio, o qual é expresso inequivocamente, ainda na primeira parte da autobiografia sob o domínio da terceira pessoa gramatical, quando a protagonista de *Open Door* tinha 15 anos: “Para o matrimónio ela não sentia qualquer inclinação. Não conseguia ver um futuro em que tivesse que viver totalmente dependente dum homem. As únicas mulheres solteiras sem ricos pecúlios que ela estava disposta

a seguir e emular eram as suas professoras oficiais.” (56) Quanto a dotes físicos femininos, reconhecia a superioridade da irmã mais velha, da qual tão-pouco recebia qualquer concorrência intelectualmente falando (42). Apesar dessas declarações, porém, LN investe um considerável espaço em *The Open Door* na insistência de que a emancipação da protagonista constitui uma opção inteiramente voluntária da parte dela, *não* uma falta de oportunidades matrimoniais ou de atributos femininos. Aliás, a insistência nos dotes femininos de LP, sobretudo mediante alusões subtis (62) e referências directas a mitos como o de Cinderela e fadas madrinhas (130; 148), a várias oportunidades de casamento que LP rejeita e, mais importante ainda, à inveja e ciúmes que LP, com a idumentária da última moda e o seu “porte real”, desperta em outras mulheres e aos triângulos amorosos em que LN a representa envolta (por exemplo, com a esposa, uma ex-atriz russa, e o Ministro da Legação Portuguesa, seu patrão) proporcionam ao leitor alguns dos momentos de leitura mais empolgantes de *Open Door*. Eis a sua chegada ao prédio onde reside o Ministro e sua esposa:

Havia duas portas e duas campainhas. Como não estavam marcadas, eu inadvertidamente premi o botão errado. A mesma face beligerante que me tinha estupificado em Nova Iorque apareceu, e uma mão despeitadamente apontou-me a porta do outro lado. Depois atirou-me com a sua porta. Estava ela a colocar-me no ápice dum ângulo daquela antiquíssimo e sempre novo triângulo humano? (177)

Mais tarde descobre outro possível triângulo entre a filha da esposa do Ministro – e uma secretária amiga de Laurinda, o que permite a LN caracterizar assim a situação da sua protagonista e a da colega:

A autodefesa [da companheira secretária] podia ser interpretada em termos de disfarçadas intenções ligadas a uma rapariga de idade casadoira, a filha-adoptiva do Ministro, que se tinha unido à mãe como parte da família diplomática. Era um triângulo dentro dum triângulo, uma chispa do inconcluso drama humano. (181)

Fechando o círculo ao monomito campbelliano – e ensaiando, de modo diferente, a fase do regresso do emigrante, como a seu tempo veremos – chega o momento de LP também encerrar o seu percurso como mulher emancipada. Rejeitando ofertas de trabalho mais vantajosas em

Washington, regressa a New Bedford, onde vai ser professora e fundar o primeiro programa de Português, acto esse que representa, também, um momento culminante para as outras duas subjectividades a tratar mais adiante. Chamo a atenção, no contexto da via emancipatória, para o facto de LP, depois das incursões em territórios tradicionalmente masculinos – incluindo a direcção dum jornal e uma estadia de oito anos no gabinete do secretário da Legação Portuguesa em Washinton – regressar à cidade de New Bedford para embarcar numa carreira de professora de escola secundária e ao domicílio da sua família adoptiva – constituída, com o regresso de Laurinda (Elias, marido de Albertina, havia entretanto falecido) por três mulheres.

A construção da subjectividade e/imigrante: Na construção autobiográfica do percurso migratório da protagonista de *Open Door* está patente a clássica *cadeia migratória* de que nos falam os sociólogos: a decisão (de partir ou ficar); os preparativos de partida; a viagem; a primeira instalação; a inserção (no país de acolhimento); a (decisão de) fixação definitiva (ou não), o regresso e a reinserção. A autobiografia imigrante – género de há muito reconhecido e teorizado na América, cuja literatura inclui muitas centenas de relatos autobiográficos de imigrantes das mais variadas nacionalidades, desde entrevistas em audiocassette e videocassette e transcritas, e a histórias de vida amadoras em forma de panfleto ou livro, a autobiografias de notável qualidade literária – *é sempre, de alguma forma, a representação literária duma modificação pessoal do esquema típico da cadeia migratória, incluindo também as motivações que presidem à emigração*. Concentrando-nos apenas nas 12 autobiografias publicadas de imigrantes portugueses nos Estados Unidos (9 de autoria masculina e 3, incluindo *The Open Door*, de autoria feminina), a motivação predominante é a económica, geralmente aliada, no caso dos homens, à tentativa de evitar o serviço militar e, apenas em um caso (o do madeirense João J. Vieira Jr.), a busca de mais liberdade religiosa. É, pois, o itinerário do sucesso material que,

apesar dos mais ou menos ricos e surpreendentes desvios, tem enformado a autobiografia do imigrante português, sendo *Never Backward* (1972), do picoense Lawrence Oliver, o exemplo paradigmático nesse sentido. Ao conceber *The Open Door* como um percurso de três vias paralelas e, em grande parte, entrelaçadas, Laurinda Andrade estava, consciente ou inconscientemente, a fazer um esforço para imprimir um carácter inovador ao seu relato de vida, privilegiando, em vez de um percurso unidimensional, *três* percursos em polifonia (e subtilmente enfatizando primeiro, desde a terceira página da autobiografia, como motivação principal da emigração, o emancipatório). LN minimiza, assim, o carácter economicista e materialista do discurso imigrante, tema que ela, aliás, ostensivamente tematiza e dramatiza no texto, nomeadamente quando abandona a possibilidade duma superior remuneração de emprego em Washington, capital do país, para um economicamente mais modesto, mas etnica e eticamente mais nobre, posto de professora de Português, em “New Bedford, Capital dos Portugueses nos Estados Unidos da América”, sendo este sintagma entre aspas o título do Capítulo XI de *The Open Door*.

Aliás, *The Open Door* patenteia, desde o início, uma necessidade de criar uma identidade autobiográfica divergente, susceptível de ser interpretada em parte mediante o conceito bloomiano de “ansiedade de influência”. Consciente ou inconscientemente, a Laurinda Narradora sabia que a experiência imigrante possui, em grande parte, mais em comum do que de único. O título que ela dá à Primeira Parte do seu relato de vida – “Home was an Island” – é uma por demais óbvia alusão à novela autobiográfica de Alfred Lewis, *Home is an Island* (1951) – um dos “autobiógrafos” imigrantes de quem, seguindo nós a conceptualização teórica de Harold Bloom, ela “pretende” distanciar-se. (*Home is an Island* é um romance saudosista e de recriação do passado idealizado nas Flores. A saudade está praticamente ausente em *The Open Door*.) Que

LN pretendesse (re)criar uma imagem autobiográfica única para si, não surpreende. Como demonstra William Boelhower – na sua formulação de uma das mais viáveis teorias da autobiografia imigrante propostas até hoje – tipicamente as autobiografias imigrantes constituem microtextos de um macrotexto existente para os distintos grupos étnicos. Que estas três subjectividades assumidas por LP – tanto a mais pública como a mais íntima – eram sentidas com ideológica veemência é enfaticamente sugerido pelo carácter invulgarmente autoritário desta autobiografia (um género que, de per si, se poderia considerar marcadamente didáctico), assunto esse a que dedicaremos mais tempo na última parte desta monografia.

É por demais óbvio que o intertítulo “Home was an Island” prenuncia já a alteração significativa que LP vai efectuar na fase de regresso, assunto a que dispensaremos oportunamente a atenção que ele merece. Mas não é só nessa fase, com implicações para as três subjectividades em questão, que LN imprime a sua marca autobiográfica distintiva, como se torna aparente ao (re)focarmos alguns dos principais (super)cronótopos de *Open Door* da perspectiva da subjectividade em epígrafe. Nas autobiografias imigrantes – e nisso *The Open Door* é bastante típica – geralmente há um cronótopo-chave que a/o imigrante privilegia sobre todos os demais e que estabelece uma ponte ancorada, de um lado, nas suas mais humildes raízes (correspondendo a uma fase purgatorial anterior às fases de decisão de partir e de preparativos da partida) e, do outro, nos mais altos píncaros a que chegou no país de acolhimento (apoteose consumada na fase, se bem-sucedida, de inserção e fixação definitiva). Entreposta entre um e outro extremo está, regra geral e *sine qua non* do género, a via crucis da experiência imigrante (compreendendo sobretudo as fases de primeira instalação e inserção). Em certo sentido, embora o foco principal da autobiografia imigrante não seja necessariamente demonstrar a aquisição de notáveis riquezas materiais ou significativas realizações pessoais, talvez a maioria das

autobiografias imigrantes são, diria eu que quase *por definição*, relatos de sucesso (embora haja muitos exemplos de autobiografias de insucesso), como o são, de certo modo todo o tipo de autobiografia e hagiografia – assunto que elaborarei ao focar, mais tarde, a subjectividade hagiográfica de *The Open Door*. Acentuemos que o sucesso não se define necessariamente – e no caso das autobiografias dos imigrantes portugueses, não se define *nunca* – por exemplos de êxito estrondoso em qualquer esfera mais ou menos pública. Todo o sucesso é relativo, claro está, mas nenhum português imigrante – ou, inclusivamente, étnico – até hoje atingiu o tipo do estrondoso sucesso, em qualquer ramo da actividade humana, que na América é passível de se tornar universalmente modelar e muito menos legendário.

O supercronótopo-chave de *The Open Door* – e que, em várias encarnações, acompanha LP desde a fase que chamei purgatorial à de fixação/regresso e da meninice até ao fim da vida – é a Escola. É também este o supercronótopo ou cronótopo-em-cadeia que empresta o carácter mais ostensivamente teleológico a *The Open Door*. Aliás, seja-me permitida uma nota pessoal. Na minha leitura de dezenas e dezenas de autobiografias imigrantes e étnicas – género pelo qual, e por razões óbvias, nutro uma especial predilecção – já aprendi a detectar o momento, por subtil que ele seja, geralmente nas primeiras páginas do texto, em que o/a narrador/a nos proporciona, por vezes após uma série de pequenos sinais antecipatórios, um momento-gérmem e uma apresentação (ou sugestão ao menos) do cronótopo-chave que, respectivamente, prenunciam e marcam o percurso destacável da/o protagonista. No caso de *The Open Door*, um dos sinais antecipatórios de que LN nos prepara para uma história de emancipação é a caracterização da mãe (que é, por forte contraste, a caracterização implícita de LP) com ênfase muito especial no seu estatuto de esposa na patriarquia: “Ela era calma, afável, totalmente inexperiente, e absolutamente subordinada ao marido, como eram a maioria das esposas daquela classe social;”

(19). Um duplo sinal de que estamos face a outros dois percursos – um tendo que ver com a protecção divina e outro com a inteligência e predisposição para a aprendizagem, ocorre no parágrafo a seguir àquele em que se assinala o nascimento de LP: “O seu anjo-da-guarda deve ter sido bem alertado para os requerimentos duma performance satisfatória. Durante os primeiros seis meses a nova bebé conquistou a aprovação do seu pai. Portou-se perfeitamente, dormiu constantemente e deu sinais de ser uma criança brilhante e saudável. O seu bom comportamento foi duplamente apreciado em contraste com o da irmã que se tinha comportado mal [“performed badly”] durante o mesmo período da infância, mantendo os pais e avó acordados muitas noites.”

(20). O já referido episódio da praia é uma reiteração/reanunciação, ocorrido na página 25, destes dois momentos. O supercronótipo Escola é-nos introduzido em *The Open Door* num contexto que, além de nos alertar para a precocidade intelectual da menina, simultaneamente reforça outro *sine qua non* de muitas autobiografias imigrantes (e não só!), particularmente no que diz respeito à recriação da infância: a singularidade (cf. o episódio da vaca esquisita) da/o protagonista vis-à-vis os seus pares, neste caso os irmãos (motivo esse que, diga-se de passagem, a autobiografia imigrante tem com os contos de fada e o conto popular): “As duas crianças mais velhas já andavam na escola. Havia escolas separadas para meninos e meninas, como era da praxe. Laurinda era considerada demasiado novinha para ser aceite na escola e ir a pé a distância necessária, *mas ela estava pronta para começar.*” (27; sublinhado meu).

Dada a sua ênfase na instrução, esta autobiografia imigrante enquadra-se num dos três tipos subgenéricos em que os relatos de vida imigrante soem manifestar-se: o de professores (de que, além de *Open Door*, são exemplos a autobiografia do autor deste ensaio, *Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey* [2000] e a (auto)biografia de Charles Reis Felix, *Through a Portagee Gate* [2004]); o de sucesso económico (*Never Backward*, de Lawrence Oliver, como já

indicámos, e *Emigrar... emigrar: as contas do meu rosário* [1985], de Serafim Alves de Carvalho); e o de sucesso no serviço público (relatos de vida de indivíduos que distinguiram na política, na imprensa, etc.), sendo o exemplo mais próximo, no que a imigrantes portugueses diz respeito, a autobiografia do ministro protestante João J. Vieira Jr., *Eu falo por mim mesmo* (1963).

É preciso enfatizar também que o que particularmente distingue o percurso protagonista na autobiografia imigrante não é tanto a natureza do conseguimento ou realização finais, mas sim a *distância viajada entre o ponto de partida e o ponto de chegada*. Daí que as autobiografias de indivíduos cuja realização foi operada mediante um itinerário económico, se detenham, na recriação literária das fases pré-migratórias, por vezes alongada e minuciosamente, nas dificuldades económicas da família (e na precocidade do protagonista para o negócio: veja-se, por exemplo, a autobiografia de Serafim Alves de Carvalho), dificuldades essas que vão prolongar-se nas primeiras fases da experiência imigrante, mas que eventualmente vão ser espetacularmente superadas pelo protagonista autobiográfico – por muito modesto que, no contexto da sociedade americana, seja o seu triunfo. Visto o percurso de Laurinda ser realizado mediante as três vias em epígrafe e o seu seja um percurso em que se minimiza o sucesso económico – que, aliás, propositadamente ela sacrifica para que outros percursos sejam relevados – LN não hesita, aliás, em descrever, na primeira parte de *The Open Door*, a família, particularmente devido aos bem-sucedidos esforços do pai, como desfrutando dum bem-estar económico muito mais desafogado do que o que se verificava, à época, nas famílias terceirenses da classe a que pertencia. (Para mim, essa ênfase no relativo bem-estar da família é um sinal mais do que óbvio que a história de Laurinda *não vai ser* uma história de sucesso material.) Todo o esforço de Laurinda, nos primeiros oito capítulos, orienta-se, portanto, no sentido de

construção das bases necessárias para o posterior e teleológico desenvolvimento das três vias em análise. Para o leitor americano, e particularmente o luso-americano que não conheça os Açores, é essa a parte da autobiografia mais susceptível de proporcionar uma leitura instrutiva e agradável.

Do que ficou dito depreende-se que a meta a realizar – no caso de Laurinda Andrade, emancipar-se e fazer-se professora – ao tornar-se, logo de início, conhecida, é passível de contribuir para a falta de suspense e de interesse, da parte do leitor, sobretudo do leitor familiarizado com o comum do itinerário imigrante (e, na teoria de Boelhower, cada grupo étnico tem o seu mais ou menos bem definido, suposição essa que na experiência deste imigrante açoriano e autobiógrafo imigrante é essencialmente correcta). Daí a necessidade, da parte da autobiógrafa, de investir a experiência compreendida pelas fases da viagem (dramática ainda na época de Laurinda, dramaticidade essa que se perde quase de todo quando as longas viagens de navio são substituídas pelos voos de cinco horas, para a Costa Leste, e de doze horas para a Califórnia, em jactos da Pan American), da primeira instalação e da inserção³. Serão, talvez, as experiências correspondentes a esse primeiro encontro com o desconhecido, com o choque entre o sonho do/a imigrante e a realidade que o/a espera, os primeiros contactos com os conterrâneos em vários estágios de inserção no país de acolhimento, as dolorosas aprendizagens a realizar na língua, nos costumes, no trabalho, a luta, no caso de Laurinda, tornando-se ainda mais onerosa devido ao facto de ela ser mulher jovem e sem família. Essa parte da experiência imigrante é a que talvez fosse passível, pelo drama humano intercultural e pelo exótico das experiências relatadas, de interessar ao leitor do outro lado do Atlântico, se é que existem, além-Atlântico⁴, leitores de autobiografias imigrantes. Para o leitor americano em geral, e luso-americano em

³ Para uma comparação com a dramática viagem de Laurinda, veja-se Ornelas *et al* (Bibliografia).

⁴ Como será óbvio, este texto foi escrito nos Estados Unidos. O “além-Atlântico” refere-se, portanto, a Portugal em geral e aos Açores em particular.

particular (e um estudo sociológico da economia receptora da autobiografia imigrante está, que eu saiba, por fazer), essa parte da autobiografia imigrante é, provavelmente, a menos passível de interessar – até mesmo pelo doloroso das experiências (mais ou menos idênticas ou semelhantes) pelas quais os seus familiares também terão passado, e pelo carácter tão comum dessas experiências, sofridas por tantos e tantos milhões de imigrantes e que, por isso mesmo, já se tornaram lugares-comuns na experiência e na consciência colectiva da América. Daí que, de parte do autobiógrafo, para quem a experiência imigrante é *sempre única*, haja uma necessidade de compensação no sentido de engrandecer, de dramatizar até à hipérbole, por vezes tornando-se, ele ou ela, inclusive, o espectador e aplaudidor dos próprios dramas que recria. Neste particular, *The Open Door* é singularmente notável. Registem-se, como exemplos, alguns dos episódios do capítulo XIV, intitulado, bastante significativamente, “Escola: um Sonho ou Realidade?”, em que se dramatiza a transição – admirável certamente – da jovem empregada de fiação para a New Bedford High School. Sem de modo algum querer minimizar o esforço que esse passo representou, na realidade, para Laurinda L. Andrade, a representação literária dele excede, porém, o que seria lícito atribuir a esse relativamente modesto *breakthrough*. À asserção de LP, feita ao patrão da fábrica aquando da sua demissão do emprego, “Eu vou estudar para professora” (117), a dramática resposta é assim recriada:

Mr. Bennett, um jovem alto, delgado e muito simpático, franziu o sobrolho, semicerrou os olhos e, um pouco inclinado sobre a minha cabeça, perguntou-me muito devagarinho: “Vais fazer o quê? Tendo-se certificado do que eu dizia quando lho repeti, ele apontou a minha demissão e despediu-se de mim com um simples “Está muito bem.” Quando saí, ele estava com um ar de espanto e abanava a cabeça. (117)

Três anos e meio depois, LP termina o seu curso de escola secundária, que normalmente leva quatro anos a concluir. Da cerimónia de formatura – e recordemos que *The Open Door* abre, *in medias res*, com outra cerimónia de formatura, a da Pembroke College (notar o auto-panegírico título do capítulo XV em que descreve parte das suas experiências na Brown: “The Halls of

Learning In an Ivy League College”) – que colmatou esse triunfo, LP não consegue lembrar nada:

Naquele grande dia de Junho, 1927, dizem-me que no momento em que recebi o meu diploma da escola secundária houve uma unânime salva de palmas da audiência. Eu não consigo lembrar-me de ter ouvido um único som; eu devia estar num estado de transe. TUDO ME ERA UM SONHO. (131)

Por muita importância que conceda LN às primeiras fases, incluindo a de instalação – na qual se registam as experiências que traduzem a via dolorosa da imigrante – são, no caso de *The Open Door*, as três últimas fases da cadeia migratória (fixação definitiva, regresso e reinserção) as que, sob o meu ponto de vista, representam as mais conseguidas da autobiografia laurindiana – e as que são enformadas por uma concepção e representação da identidade cultural não só refrescantemente actualizadas mas, de facto, bastante inovadoras para a época em que a autobiografia foi escrita (entre 1966 e 1968, como já se indicou), e sobretudo para a época em que os eventos nela narrados tiveram lugar. Fixação onde e como? Regresso aonde e como? Que tipo de reinserção, fase que no esquema da Sociologia das Migrações a que me tenho vindo a referir, se dá normalmente no país de origem?

A representação da fase de regresso em *The Open Door* é, quanto a mim, o momento literariamente mais conseguido. E, no que respeita ao percurso e/imigrante empírico de Laurinda L. Andrade, é aquele que, humanamente, mais admiro e com o qual mais me identifico. Na realidade, não há um regresso em *The Open Door*, mas dois: o regresso-visita aos Açores, em 1937 (20 anos depois da partida); e o regresso de Washington a New Bedford, Capital dos Portugueses, que oficialmente se concretiza a 15 de Dezembro de 1941, data em que assina o contrato de professora de Português com a New Bedford High School. A quase-justaposição de ambos estes regressos em *The Open Door* – separados por 4 anos no tempo, mas na autobiografia narrados a pouco mais de uma dúzia de páginas um do outro – atingem, de per si,

significativa expressão temática. O regresso de LP aos Açores, com uma breve viagem de desvio ao Continente português, é um caso clássico de retorno ou re-entrada; o regresso a New Bedford, no âmbito em que ocorreu, é o momento culminante de *Open Door*.

A representação do regresso ao país de origem inevitavelmente adquire, ao menos para quem o lê, implicações conotadas com associações arquetípicas e literárias, dentre as quais avultam textos sagrados (o Filho Pródigo, na Bíblia), clássicos (o regresso de Ulisses, na *Odisseia*; o regresso dos Nautas n’Os *Lusíadas*; o regresso de D. João de Portugal no *Frei Luís de Sousa*) e, mas proximamente, para focarmos alguns textos da literatura portuguesa da diáspora mais recente, o regresso da personagem do emigrante no romance homónimo de Ferreira de Castro, o regresso do “Regresso à Cúpula da Pena”, de Rodrigues Miguéis, o regresso de Nuno em *Gente Feliz com Lágrimas*, de João de Melo. O termo “regresso”, porém, refere-se – nos textos acabados de referir, e ainda mais nas dúzias de exemplos que poderiam ser adicionados – experiências muito distintas, desde os que patenteiam reinserções bem-sucedidas e que apoiam, regra geral, ideologias de *status quo* (o Filho Pródigo e os Nautas camonianos, por exemplo) e as reinserções problemáticas que geralmente apontam para discursos assentes em posturas ideológicas muito mais ambíguas. O caso do regresso de LN em *The Open Door* é o exemplo clássico do *regresso psicologicamente realista*, o qual se enquadra numa posição intermediária entre o regresso não problemático ou problematizado da bem-sucedida reinserção e o regresso impossível (sendo, para dar apenas dois exemplos da literatura portuguesa da diáspora do século XX português, o regresso trágico-patético da personagem Manuel da Bouça de *Emigrantes* e, na poesia erudita, o problemático regresso da *persona* dramatizado numa série de poemas de *Exorcismos*, de Jorge de Sena) (veja-se Bibliografia).

Representado sem pretenciosismos estético-literários, exemplo de *understatement*, figura

assaz imprópria para caracterizar a esmagadora maioria dos eventos relatados em *The Open Door*, o regresso de LP à sua terra natal é talvez o momento mais emocionalmente reconhecível desta autobiografia para alguém que jamais foi emigrante e que, passada um larga temporada, regressou ao seu país de origem:

Desembarquei na Terceira com a Mãe [adoptiva] e Albertina no começo de Julho [de 1937]. Logo de manhãzinha, saí sub-repticiamente do camarote privativo na primeira classe do SS Carvalho Araújo e encaminhei-me para o convés. Queria colher a primeira impressão da ilha ao aproximarmo-nos e inverter a imagem que levava comigo vinte anos antes. Depois, seguiram-se as costumárias formalidades de desembarque e a reunião em casa da nossa família; era uma casa diferente e numa zona mais central do que a donde havia eu partido. A azáfama doméstica revolvía ao redor da minha mãe ceguinha. Ela vivia com a filha mais nova, Alice, a criança que trazia no ventre quando eu parti. Presentes estavam também os meus outros dois irmãos ainda vivos, minha irmã mais velha Maria e meu irmão mais novo Alvarino, ambos casados e a residir em casas suas. Todos devem ter feito o máximo para tornar agradável o meu regresso a casa. Apesar disso, antes do fim do dia, já eu me sentia uma estranha no seio da minha própria família. Que havia esperado eu? Oh, suspeito que tinha desejado reaver o passado como o deixara. Queria ter podido recaptar e reviver algumas das memórias acalentadas por muitos anos. Mas as minhas antecipações estavam totalmente em desarmonia tanto com a realidade como com as expectativas da minha família. Eventualmente, apercebi-me de que, com a excepção da minha mãe, eu era apenas uma projecção da América, terra dos dólares e outras riquezas materiais. Quanto é que eu tinha, ou quanto é que podia dar ou enviar mais tarde, era o seu único, e obviamente transparente, interesse. (187-188)

Será do conhecimento geral que, na experiência migratória açoriana na América, só somos da nossa ilha (*terceirenses*, *faialenses*) entre conterrâneos ilhéus; somos *das Ilhas* ou *açorianos* entre luso-descendentes; e *portugueses* (ou *Portagees*, ou *Gees*, ou *Pork and Beans*, conforme) entre os que de Luso e Lusitânia e afins pouco ou nada sabem e menos se interessam, o que se poderia dizer dos trezentos e tal milhões de Americanos que nos desconhecem. É também do conhecimento geral que, à época de Laurinda Andrade – e por muitas mais décadas – o açoriano comum saía da sua ilha pela primeira vez só quando emigrava, e emigrava sem conhecer o Continente português. A viagem ao Continente, para o imigrante regressado, é da praxe, tanto na realidade empírica como na representação literária da fase migratória de regresso. Pergunto-me se esse alargamento de interesse – que está, indubitavelmente, ligado à flexibilidade económica do regressado (cf. Laurinda que emigra *na terceira classe* dum navio e regressa *no*

“*stateroom*” da primeira classe de outro) – não corresponderá, no caso de alguns imigrantes, também a um desejo compensador: Isto é, o desejo de enquadrar-se numa pátria mais ampla precisamente para compensar a perda da *patria chica* que já não existe mais, como o relato tão representativo de Laurinda Andrade nos revela. A visita a Portugal continental seria, assim, não só a concretização dum sonho alimentado durante anos, para a maioria dos açorianos irrealizável anteriormente à emigração e ao regresso, mas no regresso não só alcançável mas indispensável como viagem compensadora à noção de perda, operada pelo tempo, da *patria chica*. A visita a Portugal continental, no caso de LP, é também uma oportunidade para fazer luzir um cosmopolitismo de interesses adquiridos, nas aprendizagens realizadas não só formalmente mas ainda mediante a experiência adquirida na sua residência em grandes cidades americanas como Nova Iorque e Washington.

O regresso e reinserção a New Bedford de LP é uma poderosa metáfora para a defesa implícita e explícita – no seu processo de *americanização* – da *integração* e *multiculturalismo*, em oposição ao famigerado *assimilacionismo* ou *melting pot* defendido e promulgado em relação aos imigrantes das mais desvairadas procedências e, pelo menos desde a década de 1920 (período coincidente com um dos momentos mais difíceis da peregrinação imigrante de Laurinda L. Andrade) respaldado pelo trabalho de académicos de uma das mais prestigiosas universidades americanas: a Escola de Sociologia da Universidade de Chicago, representada pelos nomes célebres dos sociólogos Robert E. Park e Ernest W. Burgess. Entretanto, a figura que, em 1915, tivera a previdência de propor um paradigma de pluralismo cultural, Horace Kallen, essa estava a muitas décadas à frente do seu tempo. O celibérrio livro de Oscar Handlin, *The Uprooted* (1951) defendia a tese de que o imigrante, geralmente criado num ambiente rural, uma vez imerso num ambiente urbano e industrializado da América, perdia a sua cultura e tornava-se

“alienado” e “desenraizado” – até que, eventualmente, se assimilava ou americanizava. Várias autobiografias imigrantes – sendo *The Promised Land*, da judia-russa Mary Antin, nesse sentido, paradigmática – são consentâneas com a visão assimilacionista de Handlin. Mas já em 1964, Rudy Vali, num ensaio intitulado “Contadini in Chicago” (*Journal of American History* 51: 404-417) defendia a ideia de que, se bem que muitos imigrantes tenham experimentado alienação, muitos outros transferiam para o novo ambiente e preservavam a sua língua, instituições culturais e a sua religião. Aplicando princípios marxistas, John Bodnar, em *The Transplanted: A History of Immigrants in Urban America* (Bloomington: Indiana Univ. Press, 1985), enfatiza condições económicas para acentuar que a experiência imigrante geralmente revela estratégias conservadoras que tendem a preservar ou transplantar padrões, costumes e crenças do Velho para o Novo Mundo. Na década de 70 o interesse pelas raízes étnicas experimenta um surto enorme com a publicação de *Roots* (1976), de Alex Haley. Mas foi na década de 1980, como se sabe, que as enormes vagas de imigração de países asiáticos e da América Latina criaram as condições, se não para a imediata frutificação, pelo menos para o desabrochamento do pluralismo cultural, que é hoje possível na América e que tem sido visto por alguns como elemento integrante do pós-modernismo, o qual “compreende a fragmentação, a efemeridade, a discontinuidade, e a mudança caótica, em oposição ao eterno e imutável”, para citar David Harvey, em *The Condition of Postmodernity* (1990). Mas sempre houve, e continua a haver, quem chame atenção para, e alerte contra, a potencialidade nociva do pluralismo, ou do que na América se prefere chamar o multiculturalismo. Já em 1964, pelo menos dois anos antes do início da composição de *Open Door*, os liberais (por padrões políticos americanos) Nathan Glazer e Daniel Patrick Moynihan, no seu livro *Beyond the Melting Pot*, que se tornaria um clássico e uma espécie de bíblia do “movimento” multiculturalista, reconheciam os vários grupos que “não se haviam derretido no

cadinho” proverbial, mas alertavam para o perigo, para o bem-estar comum do País, da concorrência entre esses numerosos grupos étnicos por derreter. Cerca de duas décadas depois, o alarme de outros críticos do multiculturalismo está eloquentemente inscrito em títulos como *The Disuniting of America* (1992), de Arthur M. Schlesinger, Jr.

O regresso de LP a New Bedford – depois da passagem pela Brown, das incursões em Nova Iorque, do romper de barreiras em Newark e Washington – não atingiria o significado que tem se esse regresso à Capital dos Portugueses da América não fosse feita em conjunção com o ensino do Português – até porque, conquanto não sejam “capitais de Portugueses”, também são destino migrante de muitos Portugueses as cidades de Providence, Nova Iorque e Newark. Mas o demitir-se do seu emprego de secretária do Ministro/Embaixador da Legação/Embaixada de Portugal (com tudo o que isso implica de relação política com o país de origem) e vir residir em New Bedford com o propósito de ser professora de Português (com tudo o que isso implica de valorização da cultura ancestral e, portanto, de *integração* na cultura adoptiva, em oposição a *assimilação*) é uma acção que, no seu alcance simbólico no que diz respeito à valorização da identidade étnica portuguesa nos Estados Unidos, é impressionante, sobretudo dado o facto de ter ocorrido em 1941! Que o capítulo (o XX), em que Laurinda narra as peripécias que teve de confrontar para a implementação do primeiro programa de Português como língua estrangeira numa escola pública nos Estados Unidos, se intitule “A Job to be Done – Brazil Speaks Portuguese”, é outro marco que lhe devemos reconhecer: o ter sabido transcender os mesquinhos bairrismos que, por vezes ainda hoje, teimam em sujeitar a nossa língua unicamente às pronúncias características do pequenino Rectângulo europeu e dos dois Arquipélagos atlânticos, em vez de lhe conceder o direito e o dever de se reconhecer como língua universal que é.

A subjectividade hagiográfica: Convém ter presente, para as duas subjectividades já

abordadas neste ensaio, mas mais particularmente para aquela agora em foco, a afirmação que faz Susanna Egan relativamente ao carácter inevitavelmente ficcional do género autobiografia. Aludindo a este lugar-comum teórico (o da impossibilidade duma autobiografia não-ficcionalizada), Roman Jakobson já afirmara que “La propriété privée dans le domaine du langage, ça n’existe pas” (*apud* Egan 14). É no espírito dessa inevitabilidade da ficcionalização, atribuível, em grande parte, à própria natureza da expressão linguística – que tantas vezes não nos permite comunicar o que queremos e que, tantas vezes também, nos faz dizer, ou tornar passível que se leia, o que não desejaríamos ter escrito – que proponho, em relação a *The Open Door*, uma leitura que integre esta *subjectividade hagiográfica*. O que chamo, portanto, a subjectividade hagiográfica de *The Open Door* prende-se, em parte, ao discurso religioso que marca esta autobiografia, desde a capa do livro, ao seu título, aos títulos de vários dos seus capítulos, a muitos dos seus temas e vários dos seus intertextos – que compreendem não só a Bíblia mas numerosas obras de conhecidas figuras eclesiásticas (o Quaker John Whittier, figuras eclesiásticas católicas como os Padres John B. DeValles, A. Purnell Bailen e o Cardeal Newman, etc.). É, no entanto, na estrutura e em alguns motivos de *The Open Door* que se patenteia mais ostensivamente o carácter especificamente *hagiográfico*, em oposição a meramente *religioso*, da autobiografia laurindiana.

O desenho da capa de *Open Door*, da autoria de Dennis O. Marote, está em harmonia com as três subjectividades da autobiografia, mas particularmente com a religiosa. No canto superior esquerdo (perspectiva do leitor), em letras vermelhas proeminentes, está o título *THE OPEN DOOR*; no canto superior direito, o nome Laurinda L. Andrade. Um pouco à direita do centro da capa é bem visível um desenho a carvão duma porta aberta que dá para um rio de águas revoltas, que separa a porta duma cidade de arranha-céus, vista ao longe, reminescente de Nova

Iorque, sendo o rio passível, portanto, de associação com o Hudson mas também com o Atlântico. Um olhar mais cuidadoso a um dos arranha-céus revela, porém, que esse edifício está encimado por uma torre sineira, estilo colonial hispânico do Novo Mundo. Trata-se, portanto, de uma cidade simultaneamente sugestiva de um palco moderno onde se pudessem levar a cabo as vias emancipatória e imigrante de LP e, ao mesmo tempo, a apontar para a Cidade de Deus, meta implícita da sua vi(d)a hagiográfica. A sugestão de Cidade Santa é confirmada pela citação do Apocalipse – “Eu sou o Alfa e Omega, o começo e o fim, diz o Senhor Deus (Revelações 1:8)”. A citação bíblica é reforçada pela imagem mais visivelmente central da capa: as letras gregas Alfa e Omega, entrelaçadas e a cor vermelha também. A parte superior da contracapa do livro é dominada por uma foto a meio-corpo de Laurinda L. Andrade, sentada à secretária duma biblioteca, segurando, na mão direita, um par de óculos e com a mão esquerda repousada sobre um grosso tomo aberto que tanto pode ser um dicionário como uma Bíblia. Na parte inferior da contracapa, está disposto um anúncio de *The Open Door*, extraído da “Introdução” de Lucille B. Lagasse, ex-colega de Laurinda L. Andrade. O breve excerto fornece alguns dados biográficos acerca da autobiógrafa, refere-se ao seu estatuto de imigrante, à sua carreira de professora, à acção de graças que a autobiografia constitui, da parte da escritora, ao seu país de acolhimento (outro *sine qua non* do género autobiografia imigrante, e que o texto laurindiano enfaticamente consubstancia). Part do *blurb* refere-se à protecção divina de que a autobiógrafa foi alvo ao longo da sua acidentada vida.

O título *The Open Door*, que também recorre frequentemente, como *leitmotiv*, através do texto, está intimamente relacionado com as três subjectividades patentes na autobiografia laurindiana. No que à subjectividade imigrante diz respeito, a imagem da porta aberta recorre, apropriadamente, no momento em que a jovem imigrante põe os pés na Casa da Imigração, em

Providence. O choque com a realidade – o choque entre o *sonho* do e/imigrante e a *realidade* com que depara ao chegar é ainda outro lugar-comum do género literário em epígrafe – é bem realizado em *The Open Door*, dando-se simultaneamente essa sensação de choque mediante o aproveitamento imagético do cronótopo da cave da Casa da Imigração, mas também a determinação da imigrante em prosseguir e a alusão à consabida e celebrada abertura da América aos pobres e desprotegidos, como consta da simbólica da Estátua da Liberdade e do célebre poema de Emma Lazarus:

Há uma diferença marcante entre as expectativas e a sua realização. Quando me deparei com uma cave completamente deserta [a da Casa da Imigração], em parte atravancada de baús e outra bagagem, escura e assombradora, não pude deter o choro. Encaminhei-me para *uma porta aberta* que dava para a rua, onde a chuva caía abundantemente. (74; sublinhado meu).

Aliás este episódio, com uma referência à porta aberta, já fora referido no “Prólogo”, um de literalmente dúzias de exemplos de redundância – a nível sintagmático, de personagens com funções semelhantes, de imagens, etc. – de *The Open Door*:

O facto é que eles [o casal que vinha no mesmo navio e que prometera ser guardião de Laurinda] não se encontravam em lado nenhum naquela tarde quando a intrépida moça, finalmente dispensada pelas autoridades da imigração, se apressou a reunir-se-lhes na cave da Casa da Imigração. Não havia viva alma quando ela os procurou naquele recinto escuro e medonho. Do outro lado duma *grande e pesada porta* estava uma convidativa América, detentora da realização das suas esperanças e aspirações. (12; sublinhado meu)

A *porta aberta* – que não pode deixar de se referir, também, às portas da oportunidade educativa que LP teve que abrir (desde a escola secundária de New Bedford, à Brown) e às barreiras que teve que romper e aos espaços masculinos que teve que invadir no seu percurso emancipatório – alude, sobretudo, como o desenho e o *design* da capa e o acompanhante texto bíblico tornam por demais evidente, à passagem do Apocalipse em que Deus se refere à Igreja de Filadélfia: “Conheço as tuas obras e pus diante de ti uma porta aberta que ninguém pode fechar, porque, embora tenhas pouca força, guardaste a Minha palavra, e não negaste o meu nome.” (Ap: 3:8) Retenhamos esse discurso conflituoso, ao qual regressarei mais abaixo, entre as portas abertas

que Deus oferta aos seus crentes e a América aos seus imigrantes, por um lado, e as barreiras que LP, ela própria, terá de derrubar mediante o seu altamente apregoadado esforço humano.

The Open Door é composta, como se indicou anteriormente, de três partes repartidas por 22 capítulos, sendo a Primeira Parte, que contém 8 capítulos, a que possui a percentagem mais alta de intertítulos alusivos, mais ou menos directamente, a textos bíblicos. Aliás, sem surpresa para ninguém, a secção da autobiografia – qualquer autobiografia – que mais se presta, necessariamente, à ficcionalização e à poesia, devido à sua maior distância da memória clara dos factos empíricos, é aquela que corresponde à (re)criação da infância e da adolescência. Estas afirmações são aplicáveis a *The Open Door*, mas são-no ainda mais pelas liberdades e ousadias que LN se permite relativamente às referências mais ou menos directas e à invocação mais ou menos indirecta de textos sagrados – por vezes em relação com o relatar de factos e eventos, alguns banais, que dizem respeito à sua vida pessoal. Focarei apenas alguns.

O primeiro capítulo de *Open Door*, que vem na sequência do “Prólogo” em que, como se indicou anteriormente, é descrita, *in medias res*, a cerimónia de formatura da Brown, intitula-se “A Child is Born” e trata, como seria de esperar, do nascimento de Laurinda Protagonista. O título do capítulo, porém, constitui uma alusão óbvia à Profecia de Isaías (Is 9:5): “Porquanto um menino nasceu para nós, / um filho nos foi dado; / tem a soberania sobre os seus ombros, / e este é o seu nome: / Conselheiro-Admirável, Deus-Poderoso, / Pai-Eterno, Príncipe-da-Paz.” Para podermos contextualizar adequadamente o alcance das aparentes intenções de LN de associar o nascimento da sua protagonista ao nascimento de Jesus, precisamos revisitar o supercronótopo Ilha e, dentro dele, outros espaços cronotópicos (no seu duplo alcance geográfico e temporal) já nossos conhecidos. Eis como Laurinda introduz o supercronótopo Ilha, começando com uma imagem teatral a que já estamos habituados, e notar a transcendência simbólica que extrai da

reiterada numerologia e do nome oficial da ilha onde nasceu:

No nosso caso, o teatro foi uma ilha – uma das nove dos Açores, espalhadas no meio do Atlântico, a umas oitocentas milhas da mãe pátria, Portugal, e a duas mil e quinhentas milhas da cidade de Nova Iorque. O arquipélago foi descoberto no segundo quartel do século 15 pelas Caravelas de Cristo, sob a direcção do Infante Dom Henrique, o Navegador, e mais tarde entregues a alguns nobres que haviam prestado notáveis serviços à Coroa, especialmente na navegação. A nossa ilha específica é chamada Terceira (*Third, pois crê-se ter sido a terceira a ser descoberta*). Também é conhecida por outros dois nomes, Ilha de Jesus (*Island of Jesus*) e Ilha dos Heróis (*Island of Heroes*). Poderia também ser chamada o coração do arquipélago, tendo-se em conta a sua situação geográfica. (18)

Deste plano panorâmico, LN passa a um *close-up* da humilde casota onde nasceu a protagonista.

Notar, novamente, a posição da sua casa em relação às demais e a insistência no número 3 (em ambas as suas variantes cardinal e ordinal):

A do meio, que ainda revela um tecto de colmo, é a casa da nossa família. Ali deparamo-nos com um jovem casal, ambos quase a cumprir o seu vigésimo terceiro aniversário natalício, as suas duas crianças e a avó materna. Esperam uma terceira para o fim daquele mês. (19)

LP nasceu, pois, na Terceira, que é a terceira ilha, centro geográfico dos Açores, na terceira casota de colmo, a central do aglomerado de casas, no dia 20 de Dezembro (18), sendo a terceira criança dum casal que estava a cumprir o décimo terceiro ano de casados! Ainda menina, LP dá o primeiro passo em direcção à emancipação: “Aquele foi o dia em que descobriu que o verdadeiro apoio vinha do interior do indivíduo.” (25). O segundo passo (contava ela 5 anos!) a caminho da emancipação é o episódio da praia já discutido em relação à subjectividade emancipatória mas da data do qual LN também extrai implicações religiosas de bastante alcance para a subjectividade em epígrafe: “Ela estava a ser iniciada no ritual do primeiro banho de mar matutino, no dia vinte e quatro de Junho, o dia de São João Baptista. Acreditava-se que daquele ritual pudessem resultar benefícios físicos e espirituais.” (25). A vaga que sobreveio e “cobriu o espaço que ela própria escolhera” (26), não lhe causou dano, porém: “Abençoada com a protecção divina e, assim, inspirada com sabedoria, ela agachou-se e esperou até a água retroceder.” (26). Essa protecção divina está associada ao Espírito Santo, terceira Pessoa da

Santíssima Trindade. O Capítulo VII (“Growing in Service” constitui uma alusão às palavras de S. João, no Apocalipse 2:19: “Conheço as tuas obras, a tua caridade, o teu serviço, a tua fé, a tua paciência e que as tuas últimas obras são mais numerosas do que as primeiras.” O Capítulo X de *The Open Door*, o único que tem um título português, intitula-se simplesmente “Escreve Deus Direito por Linhas Tortas”.

O título do Capítulo VI de *Open Door*, “A Professora Profética” reitera um importante motivo temático: a revelação da vontade divina que, aliás, já fora aludida na “protecção Divina” (26) no episódio da praia e está, no capítulo em epígrafe, patente na leitura que LP faz do episódio do chafariz: “O que Laurinda viu naquele momento casual foi uma revelação; uma emocionante experiência a que ela mentalmente regressaria repetidas vezes.” (50) Seria enfadonho enumerar todas as vezes que LN regressa ao tema da *eleição*, *protecção* e *graça divinas* – um dos mais redundantes da autobiografia e entre os quais LN não faz distinção (nem a faremos nós no caso do presente ensaio, embora sejam conceitos teologicamente muito debatidos e controversos). É oportuno frisar, porém, que *The Open Door*, no que respeita à eleição, segue a doutrina de *sola fides* – que partia do princípio, segundo Santo Agostinho, que a Igreja podia ser concebida como instituição representada pelo Papa, ou pela soma dos predestinados, que não eram necessariamente identificáveis com a Igreja entendida como entidade institucional. A doutrina luterana de *sola scriptura* – que evoca a de *sola fides* – parte do princípio que cada ser humano é a sua própria Igreja, depois que a Bíblia estava ao alcance de todos. No que respeita à postura de LP, LN parece inspirar-se em parte no espírito destas doutrinas, às quais – sobretudo para as vias emancipatória e imigrante – parece, ao menos implicitamente, adicionar o princípio da Ética Protestante: a noção puritana de que Deus esperava que os seus servos fossem bem-sucedidos no campo material e que a virtude lhes seria

recompensada com êxito material. Por um lado, a menina chega ao seu conceito de Deus, ainda enquanto menina, na catequese. Ao longo da obra enfaticamente refere-se a instituições consentâneas com o Catolicismo popular bebido também na infância (as Festas do Espírito Santo, Nossa Senhora de Fátima, os Segredos de Fátima). Por outro lado, chega, ela própria, a uma concepção de um Deus igualitário que favorece a igualdade dos sexos.

Seguindo o padrão teleológico da autobiografia, a presença, em todos os percursos de LP, da protecção divina vai prolongar-se até às últimas páginas do texto e está patente, por vezes numa mescla de discursos correspondentes a duas ou três das subjectividades em foco neste ensaio, em numerosos vaticínios relativamente ao seu futuro, na intervenção de numerosas figuras adjuvantes e em milagres, a que regressarei mais abaixo. Aliás, é ainda no “Prólogo”, no momento de receber o seu diploma da Brown, portanto quase a meio do percurso temporal coberto por *The Open Door*, que LN nos proporciona uma síntese do papel que representa a fé na vida da protagonista, sem deixar, ao mesmo tempo, de acusar um humanamente compreensível orgulho – tantas vezes reiterado também – no facto de se ter formado numa universidade de prestígio (“Ivy League”):

Laurinda tinha o dom duma inabalável fé no Todo-Poderoso, e os longos anos de resignada e paciente espera tinham cristalizado nela uma abundância de optimismo inderrotável. Com certeza que ela era apenas uma entre milhões mas sentia-se agora tão enriquecida com a marca duma educação superior. Nunca tinha aspirado à riqueza material. Tinha sido impelida para esta grande terra prometedora pelo ardente desejo de completar o seu curso de professora. Essa promessa estava agora cumprida para além de todas as expectativas da sua imaginação de criança. Ela estava de posse dum curso universitário e de uma das universidades Ivy League. Queria gritar de puro êxtase, Aleluia! Aleluia! O futuro não estava ao seu cuidado – Pertencia unicamente a Deus; e a seu tempo, Ele continuaria a mostrar o caminho. (14)

O discurso religioso *consciente, deliberada e redundantemente elaborado e inculcado* não é, porém, quando a mim, a dimensão mais compensadora duma leitura de *Open Door*. Muito mais interessante é o quanto *The Open Door* – no que respeita a elementos estruturais e temáticos do itinerário de LP – se aproxima duma hagiografia, sem que, no entanto, fiquem

comprometidas as outras duas subjectividades, as quais, como já tivemos ocasião de ver, encontram paralelamente, ainda que por vezes um tanto ou quanto contraditoriamente, a sua expressão. Perguntamo-nos, no entanto, se a proximidade de *The Open Door* à hagiografia representa, da parte de LN, uma inocente ou ingénua casualidade. Neste contexto, são de notar os exemplos, estrategicamente dispostos na autobiografia, de referências a vidas de santos. A primeira ocorre no Capítulo V – momento em que a menina de oito anos transita de considerar o pai em primeiro lugar na sua afeição, depois o Rei, depois Deus (41), à inversão do lugar ocupado por estas entidades no seu carinho – o rei morre e o pai, ao chorar pelo cavalo morto, mostra-se vulnerável. “Já que o pai e o rei tinham caído dos seus pedestais imaginários, tinham que ser substituídos. Naquele tempo, mediante a percepção, Laurinda estava pronta para deslocar a sua âncora para a supremacia do Espírito Santo, onde ela a deixou com uma nova confiança.” (44) A menção de vidas de santos é cuidadosamente elaborada – e contribui para singularizá-la relativamente à irmã e outras crianças que, presuivelmente, tinham interesses mais consentâneos com a sua idade:

Entre os vários presentes trazidos para casa naquela segunda visita à cidade [de Angra, tinha ela 8 anos] estavam os livros que a madrinha usara para lhe dar explicações. Não havia bonecas, nem então, nem nunca mais. Os livros substituíam as bonecas. Com alguma ajuda da irmã Maria, que se aproximava do fim do período de escolaridade, o seu processo de aprendizagem prosseguia. A mãe também a ajudava a acelerar a leitura, pedindo emprestadas simples vidas de santos para serem lidas nas longas noites de espera pelo regresso do pai a casa. Apesar das limitações de Laurinda na sua compreensão da matéria impressa, a ideia de Deus e do Seu lugar na vida dos seres humanos começou a causar-lhe impressão, para além do elementarismo rotineiro das rezas previamente aprendidas. Aquela vívida impressão poderá ter sido intensificada pelas esforçadas emoções da mãe, expressas em algumas palavras, em rezas e em reacções provocadas pela leitura dalgumas fases daquelas vidas. (41)

Mais tarde, já na América, num dos momentos mais difíceis do seu percurso (a hospitalização devida a um diagnóstico de tuberculose), a presença em LP do impacto dessas leituras de vidas de santos persiste:

A tuberculose era uma doença prevalente naquela altura. Especialmente susceptíveis eram os imigrantes de climas mais quentes. Eu apreendi todo o impacto das palavras do médico. Não posso dizer que fiquei delirante com o prospecto duma morte prematura, mas tão-pouco entrei

em pânico. Tinha dado à minha curta vida o melhor de que era capaz, segundo as capacidades mentais e físicas que me haviam sido facultadas pelo Criador. Tinha-me esforçado por amá-Lo, e se Ele quisesse cortar-me o fio da vida naquele ponto dela, eu deveria estar preparada para aceitar a Sua vontade. Talvez alguns factos nas vidas de santos que eu lera à minha mãe, havia muitos anos, tinham-se implantado no meu subconsciente, preparando-me para esta ocasião. Quem sabe? (98-99)

Aliás, LN sugere que a sua protagonista, que lê *The Little Flower*, de Santa Teresa, é émula da santa espanhola, não só por ler, como ela, vidas de santos, mas por se sentir, como ela, também eleita de Deus (*Vida de Santa Teresa de Jesús. In Obras completas*. Estudio preliminar y notas explicativas por Luis Santullano, con un ensayo El estilo de Santa Teresa por Ramón Menéndez Pidal. 11^a ed. Madrid: Aguilar, 1979: 55; 137; 144; 189), mas por Santa Teresa também ter sido a preferida do seu pai (*Vida*: 54; 58; 61; 78); e, para dar apenas um último exemplo, tal como Santa Teresa, que sentiu a morte dum amigo ausente no momento em que essa morte ocorreu (“y estando yo en mi misa me dio un recogimiento, y vi como era muerto [um frade da sua Ordem, Fray Matías] y subir al cielo sin entrar en purgatorio”; *Vida*: 237), LP tem uma experiência parecida no que respeita à morte de Elias, marido da irmã adoptiva Albertina: “Elias cruzou o grande além quando eu vinha a caminho de casa e, acredito, eu tive a sensação do momento em que a sua alma cessou de estar ligada à terra.” (182)

Não surpreende, pois, a presença palimpséstica de elementos hagiográficos com que deparamos em *The Open Door*. Aliás, sem querer conferir mais importância a algumas semelhanças entre o (vulgar) percurso imigrante e o percurso hagiográfico – a própria viagem, as provas, o sofrimento, a aprendizagem duma nova língua e, em casos extremos, a adaptação à cultura acolhedora (que Jorge Luis Borges, num dos seus contos de *El Aleph*, equipara a uma conversão religiosa), a própria ideia da América como Terra da Promissão, o triunfo final ou a apoteose do e/imigrante – torna a aproximação entre o percurso imigrante e o percurso hagiográfico, se não idênticos, pelo menos passíveis de aproximação analógica. No caso de *Open*

Door, a apregoada fé da sua protagonista, desde a capa do livro, o seu pendor edificante obsessivamente reiterado constituem, de per si, elementos convidativos ao leitor. É também sabido que, na sua *Magnalia Christi Americana; or, The Ecclesiastical History of New England* (1702), Cotton Mather compara a viagem do e/imigrante a uma chamada evangélica.

Em *Roads to Paradise: Reading the Lives of the Early Saints*, Alison Goddard Elliott, apoiando-se em Charles F. Altman, distingue entre *passiones* ou lendas dos santos mártires e *vitae* ou histórias de vida dos santos eremitas do deserto, que encetam jornadas ou questas e viajam, geralmente sozinhos, para lugares desconhecidos e lá padecem sofrimentos e deparam-se com situações milagrosas (Elliott 14). As *passiones* têm como padrão paradigmático um sistema binário de valores: o bem (representado pela religião do santo) e o mal (representado pelo paganismo). As *vitae* contrapõem a esse padrão mais primitivo de valores, um padrão de carácter mais reconhecivelmente interiorista: a visão do universo patente nestes textos é uma visão de aperfeiçoamento interior e gradativo, do bom, para melhor, deste para melhor ainda (Elliott 17). Dir-se-ia que *The Open Door* patenteia uma síntese destes dois tipos de hagiografia: o seu sistema de valores é, nalguns momentos, maniqueísta e exterior, como o das *passiones*, noutros mais interiorista e gradativo; o seu percurso, que também patenteia uma questa cujo prosseguimento implica viajar, sozinha, para sítios desconhecidos, etc., evoca as *vitae*. É, porém, para o que Elliott denomina o *romance hagiográfico* que desejo chamar a atenção, pois é nele – sem prescindirmos dos elementos evocados por Elliott nas *passiones* e *vitae*, alguns dos quais são inerentes também ao romance hagiográfico – que se patenteia a contrapartida dum número muito significativo de elementos que tornam não de todo inviável, em prol de *Open Door*, a designação de *auto-hagiografia*. Aqui estão, na ordem em que os comentaremos e não na ordem exacta em que Elliott os menciona, os principais elementos que *The Open Door* tem

em comum com o romance hagiográfico, tal como o concebe esta autora, tendo alguns deles sido já objecto de referência e breve comentário, em outros contextos, no decurso do presente ensaio:

1) *motivos que precedem a partida*: o nascimento milagroso; a *puella-senex*; 2) *a viagem*: o rompimento com o passado; a busca duma vida melhor; a partida secreta e a fuga ao casamento; 3) *momentos- e figuras-chave no percurso da viagem*: a descida; os guias incomuns; 4) *o herói/a heroína liminal*: separação; fase liminal; assimilação.

Motivos que precedem a partida: Um dos motivos comuns do romance hagiográfico é o motivo do nascimento milagroso do santo, o qual anuncia o seu estatuto de predestinado e prenuncia o percurso da sua vida. Seria exagero afirmar que LN concebe o nascimento de LP como milagroso, se por “milagroso” entendermos um acontecimento que causa assombro ou é atribuível a agência sobrenatural, como os das figuras bíblicas Isaac, Samuel, João Baptista e, claro está, Jesus Cristo. Vimos, porém, ao focarmos acima o nascimento de LP que ele se reveste, se não duma aura proclamadamente sagrada, pelo menos duma atmosfera que aponta nesse sentido. São os elementos com que LN rodeia o nascimento da protagonista que criam a forte sugestão de acontecimento invulgar. Já me referi à situação privilegiada que se atribui à ilha, à casa. A data do nascimento de LP, porém, é o elemento em que LN investe mais de (ousada) sugestividade por associação:

A manhã do dia 20 de Dezembro de 1899, quebrou o lacre (“unseal” ‘quebrar o lacre’, ‘tirar o selo’ ‘revelar o futuro’) a uma misteriosa embalagem e revelou que a adição era outra menina, infelizmente. Contudo, o milagre do nascimento parece tocar os pontos mais ternos do coração dos homens, tornando a ocasião rejubilante apesar de quaisquer expectativas preconcebidas – não admira que Deus optasse por enviar-nos o Seu Divino Filho na forma dum bebé – presumindo nós, portanto, que terá reinado o júbilo, apesar da desilusão de terem que aceitar a recém-nascida como pertencendo ao indesejável sexo feminino. . . . O seu anjo-da-guarda deve ter sido bem alertado para os requerimentos de uma performance satisfatória. Durante os primeiros seis meses a bebé conquistou a aprovação do pai. (20)

Já me referi à importância conferida ao banho de mar, o qual ganha uma sugestividade insinuante por vir, como vem, no seguimento deste – e no qual se faz uma referência a outra entidade cujo nascimento é milagroso: S. João Baptista.

O motivo da *puella senex* é outra constante do género hagiográfico em questão. Elliott menciona vários exemplos, os quais, afirma, poderiam ser indefinidamente multiplicados. “No *Proevangelium de Tiago*, por exemplo, a Virgem Maria é capaz de andar aos seis meses, enquanto que no Evangelho do *Pseudo-Mateus*, com a idade de três anos diz-se que ela tinha a sabedoria duma mulher de trinta. De acordo com a mesma fonte, o Menino Jesus é capaz de se manter de pé e de falar na fuga para o Egipto. Santa Eugénia, uma das santas cuja vida está incluída em *Vitae Patrum*, era uma estudante esplêndida; tendo recebido instrução em grego e latim, e possuía uma memória fotográfica.” (Elliott 81). As referências encomiásticas à inteligência e precocidade de LP percorrem a I Parte de *Open Door*, dos quais já vimos alguns exemplos: a “performance satisfatória” aos seis anos (20); comparações entre ela e o irmão em que ela emerge a favorecida (“Ela era excepcionalmente alerta, esperta e precoce em agir e falar, enquanto que o irmão era todo o contrário” (24-25)); possuía, como se lê na página a seguir, “um intelecto alerta”; o incidente da praia, ocorrido aos cinco anos, patenteou não só o seu “descomedido individualismo”, como já se indicou, mas “aumentou-lhe a reputação de ser feita de um barro mais resistente do que qualquer menina vulgar” (26). Pudera! À medida que, ainda menina, ela progride na sua instrução, “Teve até a ideia que Ele, vindo até ela ainda tão jovem durante a Confirmação, ajudou-a a aprender coisas fácil e rapidamente na escola, e tinha-a ajudado a completar algum trabalho de casa mais difícil.” (49) Epítetos autopanegíricos abundam ao longo do texto. É, porém, na I Parte que se acumulam: “mente arguta ... agudiçada

pela experiência” (31), “curiosidade mental, manifestada em numerosas perguntas” (41); “deu boa conta de si” (48), “a combinação de fé e de intelecto ofertado por Deus” (49).

Motivos da viagem: Seria redundante insistir, no âmbito duma autobiografia imigrante, no tema da viagem, pois a própria cadeia migratória constitui uma parcialização da viagem e, como aventei anteriormente, uma autobiografia imigrante é sempre uma modificação pessoal dessa cadeia. Relevam-se, porém, alguns dos principais motivos identificados com a viagem na concepção elliotiana do romance hagiográfico: o rompimento com o passado; a busca duma vida melhor; a partida secreta; e a fuga ao casamento. “Muitos dos santos que abandonaram o lar”, afirma Elliott, “foram forçados a partir para evitar um casamento não desejado. Outros partiram por razões que se assemelham mais às razões dos heróis dos romances tradicionais, em busca ou duma mulher ou da sabedoria (e na medida em que a mulher funciona como figura sapiencial ou figura de *anima* as duas questas podem coincidir).” (82). Já vimos que, no caso de LP, um dos principais motivos da viagem é, precisamente, a busca duma educação formal que ela perseguira desde menina e mediante a qual descobrira, por si, uma nova concepção de Deus; que essa educação formal está relacionada com a emancipação – uma emancipação que se patenteia, primeiro, em relação ao pai e a Deus, quando ela, mediante um processo de *cogitatio*, transfere a sua dependência emocional do pai terrestre para o Pai celeste. O rompimento com o passado torna, de facto, bastante invulgar esta autobiografia – e representa uma forte sugestão de *marcante diferença* com o comum da experiência e/imigrante. Aliás, como já se indicou, LN faz questão de chamar a atenção para a diferença que existe entre ela, relativamente ao passado, e o comum dos emigrantes, ao intitular a Parte I da autobiografia “Home was an Island” (sublinhado meu) – o que pressupõe, relativamente ao *Home is an Island* (negrito meu), de Alfred Lewis, uma separação e um corte com o passado, que de facto se vai verificar a dois níveis, como já

vimos: a ausência quase total do tema da saudade em *The Open Door* e o regresso ao país de origem revelando-se muito temporário e emocionalmente muito tépido, se não frio mesmo. O que agora move LP, como significativamente indica o título do Capítulo III, é “A Visão de Outro Mundo”. No “romance hagiográfico”, afirma Elliott, “o estímulo mais frequentemente provém de dentro – da própria sociedade (a ameaça do casamento) ou de dentro do santo ele mesmo.” E acrescenta: “Muitos santos, inspirados por um ímpeto interior, um desejo, uma visão, encetam a jornada para o deserto.” (Elliott 83). É, em parte, essa visão dum Outro Mundo (em várias acepções desse termo) que motiva a partida de LP. Se bem que a sua partida (uma decisão feita e executada praticamente dum momento para o outro, como uma *fuga*) não se possa dizer que foi motivada por uma verdadeira fuga ao casamento, existem, como vimos anteriormente, não só referências directas à sua falta de interesse no casamento mas na domesticidade tradicional. À partida da protagonista, o leitor já suspeita que ela parte para não regressar; e que a sua motivação, ao contrário do comum dos emigrantes, não é um melhoramento económico da vida mas uma busca duma visão de Outro Mundo assente no seu desejo de um cada vez maior grau de emancipação mediante a busca duma educação mais e mais aperfeiçoada (“encontrar a liberdade através do saber”; 102) e no saber-se, e repetidamente proclamar-se, eleita e protegida de Deus.

Momentos- e figuras-chave no percurso da viagem: Alguns dos motivos que enformam o que Elliott designa por *downard journey* são a viagem descendente, o auxílio recebido pelo santo de adjuvantes, que podem ser anjos disfarçados; e a inabalável perseguição da parte do santo da meta a alcançar. No que respeita à viagem descendente, Elliott apoia-se em parte em conceitos propostos por Northrop Frye em *The Secular Scripture: A Study of the Structure of Romance* (1976). Escreve Elliott:

Todos os relatos hagiográficos, quer sejam *passiones* ou *vitae*, são, em última análise, histórias de ascensão, mas, paradoxalmente, na vida dos santos padres do deserto a narrativa está principalmente orientada para a viagem descendente de Frye. As histórias relatam movimento,

mudança, a queda que leva ao desconhecido. A direção descendente desta viagem é por vezes um paradoxo metafórico, já que o movimento pode ser num sentido de “para acima”, montanha acima, para a parte mais elevada do deserto. Nem todos os túmulos são construídos debaixo do chão. Mas, como veremos, o simbolismo à volta desta viagem é de escuridão e descida. (Elliott 103)

Já tivemos ocasião de chamar a atenção para momentos específicos de situações, espaços e imagética directamente relacionada com a descida, a escuridão, os espaços escuros e escusos pelos quais LP tem que passar e que LN faz questão de enumerar e acentuar. Diga-se de passagem, porém, que a experiência imigrante, até mesmo quando concebida num plano exclusivamente secular, também frequentemente recorre a estes elementos designativos de *descida*. E é compreensível que assim seja. Como indiquei acima, a autobiografia imigrante faz questão de enfatizar uma descida ao ponto mais baixo possível do percurso do ou da protagonista para que a distância registada na eventual subida ao topo do percurso pareça tanto mais impressionante ou apoteótica. Acresce que não há negar que, talvez para a maioria dos e/imigrantes, as primeiras fases do percurso migratório costumam ser suficientemente dolorosas empiricamente para não necessitarem exageração. No caso de LP, a sua descida aos infernos da experiência migratória – desde a terceira classe em que viaja; à escura e solitária cave da Casa da Imigração onde se apercebeu de que estava sozinha, à via sacra, a que já nos referimos, da busca de lar e de emprego em plena época da Grande Depressão – teriam, necessariamente, que configurar ou sugerir uma descida que, humanamente, se pode dizer tocar o fundo do fundo após com o diagnóstico de tuberculose, experiência essa que, aliás, sugere uma descida até a uma morte simbólica.

O que, em parte, tornou possível essa descida aos infernos da experiência de LP foi o número enorme de adjuvantes com que se deparou no caminho, alguns deles representando, como ela os chama, figuras de anjos, outros incarnando o espírito prognosticador dum futuro melhor que a alenta a prosseguir – e que estão de acordo o tom profético de um dos principais

intertextos, se não o principal, de *Open Door*: o Apocalipse. Como seria de esperar, o principal doador de LP, sobretudo no âmbito da subjectividade hagiográfica, é Deus ou o Espírito Santo. É natural, portanto, que um número bastante significativo de adjuvantes esteja ligado, na concepção de LN, a agência divina, até mesmo quando a sua função adjuvante se patenteia em situações que dizem mais directamente respeito às subjectividades emancipatória e imigrante. Aliás, poder-se-ia dizer que a estratégia laurindiana de recorrer a um grupo de adjuvantes – figuras que, em variações umas das outras, enformam todo o percurso de *Open Door* e *simultaneamente* servem as necessidades das três vias, ora uma, ora a outra – é um dos aspectos mais conseguidos desta autobiografia.

Uma das adjuvantes é a sua tia Maria, que LN descreve com adjetivos muito semelhantes aos que usa para LP: “Ela tinha um rosto aberto e inteligente e feições muito finas, e as suas respostas eram prontas e satisfatórias.” (36). Outro intercessor em benefício de LP é o senhor Adão de Magalhães – um rico e bem-educado comerciante de Angra que se prontifica a pagar o custo da instrução da menina. Uma das mais salientes adjuvantes de LP durante a juventude, porém, é a professora D. Maria Pia dos Santos – em cujo retrato LN projecta um dos seus ideais de mulher:

Ela [LP] amava a professora, Dona Maria Pia dos Santos, a directora oficial daquela particular unidade de estudo. Ela era extremamente alta e esbelta, um grande modelo de dignidade e refinamento. Era de Angra e membro duma distinta família de educadores. O seu pai, irmãos e irmãs eram todos da mesma profissão. O pai era ao mesmo tempo professor e director do Liceu de Angra (uma escola secundária mais o equivalente dum *junior college*.) (46).

Maria Pia não só intercede junto do pai de Laurinda para que a deixe continuar os seus estudos, mas vaticina o seu futuro de professora: “O teu pai deixar-te-á continuar [os teus estudos] e um dia serás professora.” 47). Outro adjuvante, na figura dum “velhinho – um estranho” (74), surge, na chegada à América, no momento de descobrir que os seus guardiões a haviam abandonado e

que os prospectos de se hospedar em casa duma mulher que conhecera no navio estavam a sossobrar: “Mas o meu anjo-da-guarda não andava ocioso; antes que a minha amiga dissesse palavra, o amável velhinho, que as acompanhava, disse, ‘A minha mulher está à espera duma sobrinha que não chegou. Terá muito gosto em receber-te, se a irmã da Rosinha não puder alojar-te’, e virando-se para as duas mulheres, acrescentou, ‘Em poucos anos, esta rapariga ultrapassará em brilho qualquer *morgada* (herdeira) da nossa ilha. *Vamos, menina! (Let’s go home, young lady).*” (74-75). O comentário, da parte de LN, que se segue a esta aparição dum enviado do anjo-da-guarda que vaticina a LP um êxito bastante secular (“ultrapassará em brilho qualquer *morgada*”), parece ser motivado por um correctivo a esse intruso discurso secularista e capitalista – se bem que possua o inconveniente, ele também, de concluir numa caracterização da América que reinstaura outra variante desse mesmo discurso materialista:

“O Espírito Santo deve ter iluminado aquela boa alma [a do velhinho]! Tio Manuel, como as duas mulheres lhe chamavam, apressou-se a atravessar a rua para apanhar o carro eléctrico e nós seguimo-lo. *Assim entrei eu pelas portas deste GRANDE PAÍS, terra da oportunidade.* (75; sublinhado meu)

Seria ocioso, para qualquer leitor de *Open Door*, estar a insistir nos numerosos exemplos de pequenos ajudantes que LP encontra no seu percurso pelas fiações e pensões, nas escolas e pelas cidades que percorre. Salientem-se apenas uns quantos mais pela importância estratégica que têm para as distintas subjectividades aqui abordadas. No contexto do trabalho na fábrica, uma das suas adjuvantes é Mémé Torres – que, tal como muitas das adjuvantes de LP, possui características que mimitezam as dela. Memé é o protótipo da mulher independente, assertiva, a caminho da sua própria concepção de emancipação: “Era mais ou menos da minha idade, com uns modos decisivos e um porte de absoluta auto-confiança. ‘O meu nome é Mémé Torres. E o teu?’, perguntou-me. Antes do fim do dia, ela conhecia a minha história e tinha-me feito sentir que não estava ali sozinha. Ajudar-me-ia. E ajudou-me.” (89)

É, porém, no ambiente das escolas e dos trabalhos subsequentes que a ajuda recebida – e as entidades de quem a recebe – se tornam verdadeiramente impressionantes: na escola de New Bedford, recebe ajuda de Miss Church, que por sua vez entra em contacto com a secretária do reitor da escola, Miss Luce, e vem a receber auxílio, em inglês, de Miss Mary Magnett. “Eu já tinha decidido voltar à escola, se Deus quisesse, com tal que me permitissem. Todas as minhas esperanças estavam ancoradas na Sua vontade, na qual eu tinha aprendido a apoiar-me incondicionalmente. Concordámos que a corrente de mãos auxiliaadoras tinha que ser acrescentada e o próximo elo teria de ser, naturalmente, aquela boa professora que já me tinha dado explicações privativas em Inglês, Miss Mary Magnett.” (121) Outro exemplo de figura que, “quer por magia quer por milagre sobrenatural” (114), depara-se-lhe quando a mãe adoptiva regressa de Boston onde havia reestabelecido contacto com uma velha conhecida – que se tornará, para LP, outra figura a emular: “Miss Fidalgo tinha emigrado dos Açores, no final da adolescência e, por vocação, aptidão intelectual e esforço, tinha construído para ela mesma um futuro especial como advogada altamente respeitada e admirada.” (114-115). Embora não queira, de modo algum, pôr em dúvida a veracidade destes nomes (LN só altera dois nomes em *The Open Door*, e nenhum destes que aqui nos interessam), não deixa de ser *conveniente* que os nomes destes adjuvantes e émulos possuam denotações altamente significativas para o papel que representam nos itinerários de LP: Maria, Adão, Maria Pia dos Santos, Manuel, Church (Igreja), Luce (Luz) e Magnett (Íman), Fidalgo! Aliás, a narradora de *Open Door* chega a acusar, no contexto de nova profecia de Mr. Whitmarsh – que replica, perante as dúvidas do New Bedford College Club em arriscar uma bolsa em benefício de LP, “Eles arrepender-se-ão um dia” (132 – um pleno conhecimento desta cadeia de vaticinadores e vai propor uma interpretação da sua existência consistente com a orientação da sua via hagiográfica:

O Tio Manuel, quele amável homem que tinha aparecido de repente na Casa da Imigração em Providence, tinha iniciado uma corrente mágica de causa-e-efeito quando se oferecera a sua revigorante profecia ao dizer: “Em poucos anos, esta rapariga ultrapassará em brilho qualquer *morgada* (herdeira) da nossa ilha.’ A sua iluminante expressão foi então tão inflamável como a de Mr. Whitmarsh agora dez anos depois. Que Deus seja louvado por enviar estes emissários e expedidores de inspiração divina. Aponta o caminho, Luz Bondosa!” (132-133).

Como já se sugeriu anteriormente, o de *Open Door* é um mundo largamente maniqueísta, onde os bons são enviados de anjos e têm nomes angélicos, mas onde os oponentes – e há, geralmente, um número tão grande de uns como de outros – também fazem sentida a sua presença negativa. Nos Açores, são algumas mulheres intriguistas ou avessas a um percurso que não entendem, como as mulheres do chafariz. Às vezes, é o próprio pai ou os irmãos que incarnam o espírito opositor. São ainda as figuras malévolas que LP encontra no Navio e nas pensões. Mas a figura que incarna o espírito diabólico e que LN se esmera em demonizar é a esposa do Ministro da Legação Portuguesa, figura a quem já me referi. Num dos vários contextos em que LN se lhe refere, chama particularmente a atenção mais esta referência à esposa do Ministro no encalço da intervenção doutra figura adjuvante: a do motorista de táxi que, “com um aspecto de preocupação fraternal” (176), a ajudou a conseguir um hotel mais propício em Washington. Quanto à esposa do Ministro, “Ainda com esperanças de me afastar mediante aquelas feias acções e não consciente do facto incontroverso que a indumentária abrilhantada da última moda não constitui um fidedigno substituto para o saber sobretudo no âmbito de antecedentes incongruentes – era uma luta perdida a sua. [...] Possivelmente devido à sua falta de aderência a qualquer fé religiosa, forças ocultas e misteriosas parece que agora operavam através dela” (178). Uma página antes, LN tinha feito com que LP insistisse que “Eu pertencia ao espírito da doutrina Cristã, que me tinha libertado a mente das prefabricadas amarras da inferioridade humana, e estava sob a protecção dos princípios da democracia do meu país adoptivo.” (177)

O santo como herói do limiar. Resumindo o percurso do santo, Elliott – apoiando-se em trabalhos de Joseph Campbell (*The Hero with a Thousand Faces*), Mircea Eliade (*Cosmos and History*) e, entre outros, Arnold van Gennep (*Rites of Passage*) – chama a atenção para a estrutura mítica patente no percurso do santo no romance hagiográfico ou *limen* e agregação. “Na separação”, indica Elliott, “o indivíduo separa-se dum prévio ponto fixo na estrutura social.”

E acrescenta:

Para os que pertenciam à sociedade rigidamente codificada da Baixa Antiguidade, a separação deve ter sido particularmente traumática. Durante a fase no limiar, as características do sujeito são ambíguas à medida que ele passa por um domínio cultural que contém poucos ou nenhuns dos atributos quer do seu passado quer da sua condição futura. Com a agregação ele regressa novamente a um estado relativamente estável. (ELLIOTT 171-172)

O estágio em que Elliott mais foca, porém, é o do limiar ou margem. A meta final no itinerário do santo é o paraíso.

Uma vez mais, este esquema mítico tem a sua contrapartida analógica em *The Open Door*: A separação está configurada nas primeiras fases migratórias a que já me referi; a fase do limiar, a mais longa e árdua, como costuma ser para o santo, está representada pelo doloroso percurso da experiência migratória, com os seus ritos de passagem (a chegada, a procura do lar, a iniciação no emprego, a aprendizagem da língua e de outros elementos da cultura, a entrada na primeira escola, na universidade, nos vários palcos de actividade no percurso de investimento noutra país) que também já foram largamente elaborados na focalização das vias emancipatória e imigrante. Aliás, insistiria no facto de muitas experiências e/imigrantes, não só uma experiência, como a de Laurinda C. Andrade, obviamente configurada em padrões religiosos, mas muitas das experiências de emigrantes portugueses para a América que até hoje escreveram os seus relatos de vida, se *aproximarem*, em graus distintos embora, de estágios passíveis de metaforizar separação (com tudo o que ela pode implicar de trauma), a existência no limiar (quantos imigrantes passam a vida à margem das sociedades a que nunca puderam assimilar-se ou sequer

integrar-se, perdendo, nesse doloroso processo, o uso da própria língua e muitos elementos da cultura de origem). A representação do triunfo dos imigrantes que vingaram está por vezes explícito, em metáforas de teor religioso que deixam transparecer o carácter apoteótico, pelo menos para eles, do seu percurso. Os títulos de duas dessas autobiografias são eloquentes nesse sentido: *The Promissed Land*, de Mary Antin, e *The Open Door*, de Laurinda C. Andrade.

Desejaria, porém, chamar a atenção para a última fase do percurso laurindiano – e as surpreendentes analogias que possui com o estágio final da vida do santo, tal como é descrito no seguinte trecho de *Roads to Paradise*:

O estágio final, assimilação no céu, pode de facto ser descrito. O santo-herói em processo de queda – St. António [“Antony”], por exemplo – pode observar a alma dum Paulo de Tebas sendo levada para o céu. Ou a cena pode ser presumida e não representada, pois que o herói em questão ele mesmo é, ao fim e ao cabo, um santo. Para o santo-herói em processo de queda ele mesmo, o estágio final paraleliza muito de perto a assimilação do iniciado na sociedade, na medida em que aquele também tem a responsabilidade estabelecida de partilhar com outros os seus conhecimentos. Assim, a história da queda de Paphnutius conclui com a preservação das suas experiências em forma escrita, ao encontrar-se com os dois irmãos que fazem dessas experiências um livro que colocam na igreja. A aventura está concluída; agora resta monumentalizá-la e fazê-la passar para outros. A aventura converteu-se em escritura. (ELLIOTT 179-180)

A III Parte de *Open Door* é dedicada ao bem-sucedido mas considerável esforço de Laurinda C. Andrade no estabelecimento dum programa de Português na escola secundária de New Bedford, uma componente da autobiografia que representa, para a sua cidade adoptiva, os seus contrários e descendentes, a dádiva da mulher que muito investiu para dignificar o seu povo e a sua cultura de origem na América. Nesta última parte do livro a autora privilegia a vida imigrante – neste sentido, a fase final e definitiva do imigrante bem-sucedido e bem-integrado e que agora está em posição de retribuir as benesses adquiridas no país de acolhimento, e muito especificamente ao seu grupo étnico – mas sem nunca esquecer aquilo que temos vindo a chamar a *subjectividade hagiográfica* do seu percurso, dentro do qual se pode integrar, em parte, a decisão mesma de escrever as suas memórias. À pergunta acerca dos seus planos para depois da reforma, ela responde, porém, com um sentido muito prático e muito terrestre: “Há

um livro que deveria ser escrito e eu sou a única pessoa que o pode fazer.’ Eu poderia ter acrescentado, o nosso grupo étnico anda muito atrasado nesse tipo de realizações, o que pode explicar em parte a falta de justa compreensão de nós da parte de outros grupos.” (235)

Sem poder conceder ao tema o espaço que ele merece, desejaria, no entanto, referir uma componente do binómio escrita-leitura desta autobiografia a que ainda não prestei nenhuma atenção: os seus pretendidos leitores. Que tipo de leitor teria Laurinda C. Andrade em mente ao escrever o relato da sua vida? Numa carta a Miss Frances Sylvia Gracia⁵, datada de 23 de Setembro de 1975, a autora escreve, referindo-se a *The Open Door*, publicada 7 anos antes: “Obrigado pelas amáveis palavras com respeito a ‘The Open Door.’ Foi bem recebida por muitos não portugueses, mas o nosso próprio [povo] em geral não conseguiu ver o seu valor.” Não conseguiu ver o valor do relato de vida de Laurinda Andrade, ou simplesmente não leu a obra? É de supor que Laurinda Andrade não estivesse a referir-se aos imigrantes portugueses. A maioria, como é do conhecimento geral, não teria, à época, os conhecimentos do inglês – e, acrescente-se, os hábitos de leitura – para ler *The Open Door*. Terá a autora tido em mente os luso-americanos já nascidos nos Estados Unidos, aqueles que, ao menos linguisticamente, estariam em posição de ler *The Open Door*? Mas terá esse luso-americano interesse em experiências imigrantes e pré-migratórias pelas quais tiveram, necessariamente, que passar os seus próprios pais ou avós e que portanto são por demais conhecidas e, em muitos casos, demasiado dolorosas para revisitar? Ou será a autobiografia imigrante um género condenado ao despercebimento do público a que porventura se destina e notado, quando o é, apenas por indivíduos académicos, por “super-leitores”, para usar o termo posto em voga pela Escola de Constança? Se assim é, a autobiografia imigrante está condenada a ser lida por um público a que não se destinava, e porventura mais

⁵ Os meus agradecimentos a Miss Frances Sylvia Gracia por me ter chamado a atenção para esta carta e por ma ter disponibilizado.

sofisticado do que o autor jamais imaginara, e ignorada por um público a que talvez se destinasse mas cujo interesse é não existente. Embora assim seja, pode-se concluir que, apesar de tudo, Laurinda C. Andrade foi mais afortunada do que todos os outros portugueses e luso-americanos que até hoje publicaram autobiografias.

Como já se indicou, *The Open Door* tem atraído mais atenção crítica do que qualquer outra autobiografia bicultural de imigrantes ou étnicos lusos. E embora algumas dessas leituras façam reparos acerca de algum ou outro aspecto da obra – sobretudo do seu inegável carácter autoritário e moralizante – tão-pouco tem havido, inclusive da parte desses mesmos críticos que lhe acham alguns senões, um esforço sincero por lhe reconhecer o valor e o mérito. Além dos trabalhos académicos sobre *The Open Door* indicados na Bibliografia e a que me refiro mais pormenorizadamente num atigo recentemente publicado na *Hispania*, existe um pequeno mas significativo acervo de artigos noticiosos sobre Laurinda C. Andrade e, a partir da publicação de *The Open Door*, em 1968, de recensões jornalísticas publicadas sobretudo em jornais locais, como *Standard-Times*, *Anchor*, *Falmouth Enterprise* e *Herald News*. Houve ainda pelo menos uma recensão de *The Open Door* publicada no prestigioso *Boston Globe*, assinada pelo professor universitário Norman Araújo, então professor associado de Línguas Românicas na Boston College⁶.

Livro único não só pelo que tange ao seu percurso de mulher imigrante, na época e nas condições que lhe tocou imigrar; único ainda pelas outras duas histórias que, contrapontisticamente, tece ao redor da sua história de imigrante. Uma das histórias, a religiosa, talvez pareça, para alguns, a

⁶ John H. Ackerman, “City Woman’s Book Tells of Immigrant’s Struggle”, *Standard-Times*, New Bedford, October 6, 1968; Patricia Francis, “Retired New Bedford Teacher Shares Life in Remarkable Book, “The Open Door””, *Anchor*, New Bedford, October 10, 1968; Norman Araújo, “In pursuit of a dream”, *The Open Door*, by Laurinda Andrade”, *Boston Sunday Globe* (Book Review), January 12, 1969; [staff writer], “A Penniless Girl from Terceira Tells How She Opened the Door”, *Falmouth Enterprise*, Falmouth, February 21, 1969; [staff writer], “Miss Andrade’s ‘Open Door’ Draws Critical Acclaim”, *Herald News*, Fall River; Paul Horowitz, “Praises Work by Former Teacher – This is an open letter to Laurinda C. Andrade of New Bedford”, *Standard-Times*, New Bedford, August 12, 1969.

mais subjectivamente – e datadamente – confeccionada. Independentemente das leituras que possam ser extraíveis dela – e várias outras permanecerão em aberto – as intenções da própria autobiógrafa, expressas quase no fim do seu livro, merecem consideração da parte do/a leitor/a deste género, a autobiografia, que no fundo se baseia num contrato entre escritor e leitor – de que nos fala teoricamente Philippe Lejeune – e que também inclui, necessariamente, uma componente ética de ambas as partes assente, como seria de esperar, numa recriação o mais fidedigna possível das experiências recriadas, da parte da autora, e, da parte do leitor, na boa fé e num sentido de compreensão.

Aqui ficam, uma vez mais em tradução minha, as palavras que Laurinda C. Andrade empregou para caracterizar o seu esforço humano e autobiográfico:

Se o que eu escrevi jamais for interpretado como meramente auto-laudatório, essa seria uma má interpretação tanto da minha vida como do propósito desta obra. Eu rejeito a atribuição de qualquer mérito pessoal excepto o de manter uma confiança como de criança no Espírito da luz e da verdade, e no sentimento de que Ele me guiava em todas as dificuldades que encontrei. Mas trata-se de crédito reconhecível a um indivíduo, ou trata-se duma dádiva sobrenatural da fé? As minhas intenções são reconhecer Deus Todo-Poderoso como distribuidor e doador de todos os talentos e posses e como único arquitecto de toda a minha vida. Ademais, fico profundamente grata a cada ser humano que também guiado por Ele me ajudou na minha jornada terrestre, tornando-me possível a realização do que considero ser um encargo privilegiado. (235-236)

Bibliografia

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (1998). “Duas décadas de literatura luso-americana: um balanço (1978-1998).” *Veredas* 1: 327-347.
- ANDRADE, Laurinda L. (1968). *The Open Door*. “Introduction” de Lucille B. Lagasse. New Bedford: Reynolds DeWalt.
- BADEN, Nancy T. (1982) “America, the Promise and the Reality: A Look at Two Portuguese Immigrant Autobiographies [*The Open Door* e *Never Backward*, de Lawrence Oliver]”. DIAS, Eduardo Mayone (org.), *Portugueses na América do Norte: Comunicações Apresentadas no Colóquio da Universidade da Califórnia/1983*. Lisboa: Peregrinação, s/d): 191-205.
- . (1979). “Portuguese-American Literature: Does It Exist? – The Interface of Theory and Reality in a Developing Literature”. *MELUS*, 6:2 (Summer): 15-31.
- . (1980). “Portuguese-American Literature: An Overview”. *Gávea-Brown*, 1:2 (Jul-Dec.): 29-42.

- BAKHTIN, Mikhail (1981). *The Dialogic Imagination*. Ed. Michael Holquist. Trans. Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas Press.
- BERCOVITCH, Sacvan (1975). *The Puritan Origin of the American Self*. New Haven: Yale University Press.
- BERGLAND, Betty Ann (1990). "Reconstructing the 'Self' in America: Patterns in Immigrant Women's Autobiographies". Dissertação de Doutorado, University of Minnesota.
- BÍBLIA SAGRADA (1978). 8.^a ed. Lisboa: Difusão Bíblica (Missionários Capuchinhos).
- BODNAR, John (1985). *The Transplanted: A History of Immigrants in Urban America*. Bloomington: Indiana University Press.
- BOELLHOWER, William (1982). "The Brave New World of Immigrant Autobiography". *MELUS* 9.2 (Summer): 1-23.
- . (1982). *Immigrant Autobiography in the United States*. Verona: Essedue Edizioni.
- CAMPBELL, Joseph (1968). *The Hero with a Thousand Faces*. 2nd edition. Princeton: Princeton University Press.
- CARVALHO, Serafim Alves de (1985). *Emigrar... emigrar: as contas do meu rosário*. Lisboa: Rocha/Artes Gráficas [edição do Autor].
- DIAS, Eduardo Mayone (1983). "A Literatura Portuguesa na Califórnia". Separata de *Arquipélago*, Revista da Universidade dos Açores, Série Ciências Humanas – Número Especial.
- , org. (s/d). *Portugueses na América do Norte: Comunicações Apresentadas no Colóquio da Universidade da Califórnia/1983*. Lisboa: Peregrinação: 191-205.
- EGAN, Susanna (1984). *Patterns of Experience in Autobiography*. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press.
- ELLIOTT, Alison Goddard (1987). *Roads to Paradise: Reading the Lives of the Early Saints*. Hanover, New Hampshire and London: Published for Brown University Press by University Press of New England, 1987.
- EMERY, Rose Peters (2003). *Footprints in the Soil: A Portuguese Californian Remembers*. San Jose, CA: Portuguese Heritage Publications.
- FAGUNDES, Francisco Cota (2007) "Through a Portagee Gate: Lives Parceled Out in Stories". *MELUS* 32.2: 151-163.
- . (2005) "Portuguese Immigrant Experience in America in Autobiography". *Hispania* 88.4 (December): 701-712.
- . "La experiencia inmigrante de los portugueses en los Estados Unidos a través de sus autobiografías. Traducción de Óscar Álvarez Gila. *Migraciones y Exilios* 11-2010: 11-28.
- (2000). "Ser-se E/imigrante e Exilado e Como: Subsídios para o Estudo de um Problemático Drama em Versos". "Para Emergir Nascemos...": *Estudos em Rememoração de Jorge de Sena*. Francisco Cota Fagundes e Paula Gândara (orgs.). Lisboa: Edições Salamandra. 191-243.
- (2000). *Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey (memoir)*. Providence: Gávea Brown.
- FELIX, Charles (2004). *Through a Portagee Gate*. "Preface" by George Monteiro. Dartmouth, MA: Center for Portuguese Studies and Culture.

- GLAZER, Nathan e Daniel Patrick Moynihan (1963). *Beyond the Melting Pot: The Negroes, Puerto Rican Jews, Italians, and Irish of the New York City*.
- HARVEY, David (1989). *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*. Oxford: Cambridge, England; Cambridge, Mass., USA: Blackwell.
- HALLEY, Alex (1976). *Roots*. Garden City, New York: Doubleday.
- JELINEK, Estelle C. (1986). *The Tradition of Women's Autobiography: From Antiquity to the Present*. Boston: Twayne Publishers.
- KALLEN, Horace Meyer (1956). *Cultural Pluralism and the American Idea*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- KERMODE, Frank (1966). *The Sense of an Ending: Studies in the Theory of Fiction*. London: Oxford University Press, 1966.
- KONVITZ, Milton R. (1987). *The Legacy of Horace M. Kallen*. Rutherford, N. J.: Farleigh Dickinson Press; Crabury, NJ: Associated University Presses.
- LEWIS, Alfred (1951). *Home is an Island*. New York: Random House.
- LEJEUNE, Phillippe. (1989). *On Autobiography*. Edited and with a Foreword by Paul John Eakin. Translated by Katherine Leary. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- LEVINE, Lawrence (1996). *The Opening of the American Mind: Canons, Culture, and History*. Boston: Beacon Press.
- LIND, Michael (1995). *The Next American Nation: The New Nationalism and the Next American Revolution*. New York: The Free Press.
- MAHLER, Sarah J. (1995). *Immigrant Life on the Margins*. Princeton: Princeton University Press.
- MEIRELES, Maria de Fátima Sacadura Calado (1994). "Entre Dois Universos Culturais: O Conceito de Identidade no Discurso Autobiográfico de Laurinda Andrade". Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- OLIVEIRA, João Baptista de *et al* (1970). "Destination, Sandwich Islands". Translated from the Portuguese [de um manuscrito inédito] by Lucille de Silva Canario. *The Hawaiian Journal of History* 4: 3-52.
- OLIVER, Lawrence (1972). *Never Backward*. Compiled and dictated by Lawrence Oliver. Ed. By Rita Larkin Wolin. San Diego [, edição do Autor].
- OLNEY, James, ed. (1980). *Autobiography: Essays Theoretical and Critical*. Princeton: Princeton University Press.
- PAP, Leo (1983). "Portuguese-American Literature". In Robert J. Di Pietro e Edward Ifkovic, eds. *Ethnic Perspectives in American Literature: Selected Essays on the European Contribution*. 183-196. RAINIER, Tristine (1997). *Your Life as Story: Writing the New Autobiography*. New York: G. P. Putnam's Sons. ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, et al (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ROGERS, Francis M. (1978). "The Contribution by American of Portuguese Descent to the U. S. Literary Scene". *Ethnic Literatures Since 1776: The Many Voices of America*. Proceedings Comparative Literature Symposium Texas Tech University – Part 2. Ed. Wolodymyr T. Zyla and Wendell M. Aycock. Lubbock, Texas: Texas Tech Press. 420-23.

- SANTA TERESA (1979). *Vida de Santa Teresa de Jesús. In Obras completas*. Estudio preliminar y notas explicativas por Luis Santullano, con un ensayo, "El estilo de Santa Teresa", de Ramón Menéndez Pidal. 11.ª edición. Madrid: Aguilar.
- SMITH, Paul (1988). *Discerning the Subject*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- SMITH, Sidonie (1987). *A Poetics of Women's Autobiography: Marginality and the Fictions of Self-Representation*. Bloomington: Indiana University Press.
- SPENGEMANN, William C., e L. R. Lunquist (1978). "Autobiography and the American Myth". *American Quarterly* 27 (Spring): 49-61.
- SUÁREZ, José (1991-1992). "Four Luso-American Autobiographies: A Comparative View [*Home is an Island; The Open Door; Never Backward; Emigrar... emigrar: as contas do meu rosário*]". *MELUS*, 17:3 (Fall): 17-32.
- SULLEIMAN, Susan Rubin (1993). *Authoritarian Fictions: The Ideological Novel as Literary Genre*. Princeton: Princeton University Press; ed. Original 1983.
- WILLIAMS, Jerry (2005). *In Pursuit of their Dreams: A History of Azorean Immigrants to the United States*. Dartmouth, Mass.: Center for Portuguese Studies and Culture.